

**UMA  
HISTÓRIA DE  
PEREGRINOS,  
EDUCADORES  
E SERVOS**



**CARTA DE  
PRINCÍPIOS  
2020**

**115**  
**anos**



**Chancelaria  
Mackenzie**

# 150 ANOS DO MACKENZIE: UMA HISTÓRIA DE PEREGRINOS, EDUCADORES E SERVOS.

**REV. DR. ROBINSON  
GRANGEIRO MONTEIRO  
CHANCELER**

O Mackenzie celebra 150 anos de serviços a Deus no Brasil, um marco extraordinário e admirável, tanto pela longevidade, como pela qualidade daquilo que realiza para cumprir a missão de educar e cuidar do ser humano, criado à imagem de Deus, para o exercício pleno da cidadania, em ambiente de fé cristã reformada.

Ao mesmo tempo que chega ao sesqui-centenário, o Mackenzie enfrenta a pandemia da COVID-19 e a crise sistêmica provocada na saúde e na economia global, que marcam a história nacional e mundial, impactando também a instituição em diferentes aspectos. Apesar disto, o brilho desta indelével marca histórica permanece e o Mackenzie celebra com justa e verdadeira gratidão a Deus por sua eterna bondade.

Porém, o Mackenzie também lamenta a perda de milhares de vidas, especialmente de mackenzistas e seus familiares, expressando solidariedade com o sofrimento de suas famílias. A nossa homenagem a todos os profissionais, especialmente os colaboradores mackenzistas da educação e da saúde, os quais têm inspirado a nação no desprendimento em cuidar dos atingidos pela pandemia e nos melhores esforços para educar crianças e jovens em formação.

Nesta crise, é incontornável reconhecer os efeitos danosos sobre o setor produtivo do país e, principalmente, os prejuízos com a perda do emprego e da renda e as consequências para a educação e saúde, principalmente nos segmentos mais vulneráveis da população.

Assim, com discrição e respeito, gratidão e modéstia, reafirma-se à plena voz o valor da vida humana e a necessidade de sua preservação, bem como a devida importância estratégica da educação e dos educadores, da saúde e dos cuidadores, para o desenvolvimento do país

Portanto, nesse cenário de múltiplos hori-

zontes e reflexões, o ano de 2020 nos permite rememorar especificamente o voluntarismo missionário de nossos pais fundadores que, à semelhança de tantos outros enviados por Deus a todo o mundo, assumiram a condição de peregrinos em terra brasilis.

Eles peregrinaram entre nós servindo a Deus e ao próximo, e tomados de altruísmo cristão, envidaram esforços para a educação de gerações e lançaram sementes na franca atenção a todas as necessidades do ser humano. Por conseguinte, a educação mackenzista em suas origens, e tanto mais nos anos mais recentes, tem estado constantemente atenta a questões que também integram a saúde espiritual, emocional e física do ser humano.

O olhar para a história nos faz lembrar oportunamente o papel dos fundadores e líderes, bem como de toda comunidade mackenzista, que, em outras graves crises, sempre reafirmaram os compromissos cristãos missionais de educar e cuidar integralmente do ser humano. Se o nosso passado institucional nos inspira pelo exemplo de mulheres e homens destemidos e valorosos, o nosso horizonte futuro brilha cheio de esperança nos olhos das crianças e jovens mackenzistas.

E, acima de tudo e de todos, tal convicção repousa confiante nas mãos do Senhor do Tempo e da História e o único motivo do Mackenzie chegar aos seus 150 anos: a Ele, dedicamos a honra, a glória e o louvor, em ações de graça, reforçando o nosso desejo, expresso na visão do Mackenzie, de ser reconhecida pela sociedade como instituição confessional presbiteriana e filantrópica, que se dedica às ciências divinas e humanas, comprometida com a responsabilidade socioambiental, em busca contínua da excelência acadêmica, do cuidado e da gestão.

A Chancelaria oferece esta Carta de Princípios de 2020 à comunidade mackenzista, de acordo com suas convicções e valores confessionais, em sincero louvor a Deus, reconhecendo a direção, apoio e investimento do Associado Vitalício do Mackenzie, a Igreja Presbiteriana do Brasil, e de seus Conselhos de Curadores e Deliberativo.

O desafio é continuar a jornada como educadores e servos por todos os anos que Deus nos permitir peregrinar nesse mundo, até que o Rei Jesus chame seus súditos de volta ao lar e a jornada esteja concluída.

## UM OLHAR PARA O PASSADO: A TRADIÇÃO REFORMADA DE PEREGRINOS EDUCADORES

A história dos pais fundadores do Mackenzie – George Chamberlain e sua esposa Mary Ann Annesley – teve início com o chamado divino para deixar os Estados Unidos da América e iniciar uma verdadeira peregrinação nas terras desafiadoras do Brasil, onde procuraram oferecer a Deus e aos brasileiros, o melhor de seu tempo, talento e tesouro.

O Mackenzie começou em uma época de grande crescimento e desenvolvimento da cidade de São Paulo. No primeiro censo demográfico nacional realizado em 1872<sup>1</sup>, a cidade tinha pouco mais de 31 mil habitantes, perfazendo apenas 3,8% da população da província de São Paulo e ocupando o modesto 64º lugar entre as cidades mais populosas do país. Em 1890, o recenseamento mostrou que a população paulistana já chegava a mais de 65 mil habitantes, devido ao grande número de imigrantes estrangeiros aqui fixados. Segundo o último censo do século XIX, o crescimento vertiginoso já transformara São Paulo numa cidade de 240 mil habitantes. Ou seja, nos primeiros trinta anos do Mackenzie, a população da cidade cresceu em uma razão de oito vezes e o

impacto deste crescimento demográfico demandava serviços básicos, entre os quais o mais estruturante a longo prazo, a educação.

Desde 1824, a Constituição outorgada determinava em seu Artigo 1º, que a instrução primária seria “gratuita para todos os cidadãos” e em seu Artigo XI, que deveria existir “escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas”. Em 15 de outubro de 1827, a Assembleia Legislativa aprovou a primeira lei sobre a instrução pública nacional do Império do Brasil, estabelecendo que “em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”.

Todavia, no Brasil inteiro, apenas 17% dos homens e 11% das mulheres frequentavam escolas, na faixa etária entre 6 e 15 anos, e da população livre, apenas 23% dos homens e 13% das mulheres eram alfabetizados naquele período, sendo esse o contexto histórico e social desafiador encontrado pelo casal Chamberlain ao aportar no Brasil.

Portanto, a educação, que garantiria a formação das gerações futuras, já era, desde então e até hoje, a encruzilhada da história para o

“

NÃO SOMENTE  
FORMAR  
O CLÉRIGO,  
MAS FORMAR  
UMA PESSOA  
CAPAZ DE  
APRENDER  
E DE ENSINAR

”

Brasil tornar-se um país desenvolvido, ou permanecer como um gigante deitado em berço esplêndido. Por propósito divino, o Mackenzie foi implantado almejando contribuir na direção para onde o país deve justamente ir.

Além de pastor, George Chamberlain era também educador<sup>2</sup>, e Mary Annesley, por sua vez, reunia sólidos conhecimentos pedagógicos, além de conhecimentos na área da música e do idioma francês<sup>3</sup>, motivando-os a oferecer de imediato seus serviços à comunidade.

Ao iniciar em sua residência uma escolinha para ensinar crianças não pertencentes à elite paulistana da época, eles adotaram métodos pedagógicos americanos<sup>4</sup>, ao invés de um ensino decorado, pronunciado em voz alta e com pouco estímulo ao pensamento. As aulas passaram a ter um estudo silencioso,



mais reflexivo e intuitivo<sup>5</sup>.

Tal iniciativa dos Chamberlain é condizente com o envolvimento histórico de cristãos com a educação, sendo inegável o empenho, especialmente de cristãos reformados, em propor uma compreensão da vida, na qual se valoriza a reflexão, com uma busca incansável da sistematização do ensino e criação de modelos educacionais orientados por pressupostos cristãos pautados na Escritura Sagrada.

Esta tradição cristã já é percebida na transição da Alta Idade Média para a Idade Moderna, especialmente no ambiente de universidades sob a influência protestante na Europa. Segundo Oliveira (2007), o cristianismo que sempre impulsionou o desenvolvimento escolar, tem na universidade um *locus novo*<sup>6</sup>, cuja missão passou a ser: “*não somente formar o clérigo, mas formar uma pessoa capaz de aprender e de ensinar*”<sup>7</sup>.

Certamente, uma das características do renascimento moderno da busca pelo conhecimento e pela educação foi a ruptura com o padrão consolidado de uma classe mais educada e de uma classe mais iletra-



da, conforme a dualidade tratada por Peter Burke (“grande tradição” versus “pequena tradição”)<sup>8</sup>, algo fomentado tipicamente por visões obscurantistas promovidas intencionalmente para facilitar a manipulação política e religiosa.

Assim, na medida em que mais pessoas podiam obter conhecimento mais elevado, do ponto de vista acadêmico, o controle social do poder religioso dominante à época<sup>9</sup> era progressivamente esvaziado, e a população viria a tender progressivamente ao protestantismo, o qual, por sua vez, não projetava uma imagem social de ignorância, mas de liberdade de consciência e de produção de saber.<sup>10</sup>

Destacam-se, como exemplos religiosos da Reforma Protestante, assim como da renovação intelectual e cultural nela envolvida, figuras como Martinho Lutero, Felipe Melancton e João Calvino.

Martinho Lutero foi professor da Universidade de Wittenberg e mostrou o seu interesse pela educação ao escrever a conhecida série de discursos e de apelos dirigidos aos nobres políticos alemães, com esta ênfase: Apelo à Nobreza Cristã Alemã (1520), Carta aos Conselheiros Comuns de todas as Cidades da Alemanha (1524) e Sermão sobre a Necessidade de enviar os Filhos à Escola (1530).<sup>11</sup>

Felipe Melancton, considerado uma das mentes mais brilhantes e um dos maiores educadores de sua época<sup>12</sup>, contribuiu com seu prestígio para grandes mudanças

educacionais, a ponto de que, ao fim de sua vida, não havia uma única cidade em toda a Alemanha alheia à influência de sua proposta educacional. Em 1518, Melancton foi convidado para lecionar na Universidade de Wittenberg, depois exerceu a Reitoria de 1523 a 1524 e remodelou aquela universidade com os ideais da Reforma.<sup>13</sup>

João Calvino, apesar de não ser propriamente um teórico da educação no sentido estrito<sup>14</sup>, o seu pensamento e de seus sucessores no Calvinismo são destaque certo em qualquer estudo histórico sério sobre o papel da educação confessional para a transformação social no sentido mais amplo do termo, seja de crianças, seja de adultos.<sup>16</sup>

Na compreensão de Calvino, o objetivo de todo ensino é o aperfeiçoamento do ser humano para o cumprimento da sua vocação e para a glória de Deus<sup>17</sup>. Por isso mesmo, não deveria haver fragmentação do saber humano, com compartimentos estanques entre “sagrados” e “mundanos”<sup>18</sup>. A educação defendida pelos reformadores objetivava o ser humano integral com influência global.<sup>19</sup>

Esta foi a experiência de João Calvino com a criação da Academia de Genebra, em 1559, que depois tornou-se a Universidade, da qual Teodoro Beza, a convite de Calvino, seria seu primeiro reitor. Ao tornar-se modelo para várias outras universidades lideradas por ex-alunos da Academia, é considerada por Charles Bourgeaud (1861-1941), ex-professor

em Genebra, como “[...] a primeira fortaleza da liberdade nos tempos modernos”.<sup>20</sup>

A fundação da Academia de Genebra foi um dos principais fatores que colocou o calvinismo em contato com as maiores universidades europeias, assegurando-lhe repercussão internacional,<sup>21</sup> o que leva Alistar McGrath (2004), o renomado estudioso de Calvino e do calvinismo, entre outros<sup>22</sup>, a afirmar que “o calvinismo se transformou num movimento internacional e um número crescente de universidades se tornou favorável em relação à nova religião”.<sup>23</sup>

Neste mesmo sentido, Inez Borges (2008), entende, a partir do exemplo concreto do enfrentamento da realidade social caótica de Genebra sob a forte influência de Calvino, que a questão educacional era inseparável da questão teológica e das implicações sociais da fé, especialmente em um contexto histórico de opressão religiosa e de mínimas oportunidades de equidade social.

Nesta relação entre temas como educação, ciência, fé, protestantismo e sociedade já abordados em outras Cartas de Princípios da Chancelaria do Mackenzie – nunca é demais lembrar John Lennox (2011), quando trata daquilo que chama de “as raízes esquecidas da ciência” para afirmar que “[...] no âmago de toda ciência está a convicção de que o Universo é ordenado. Sem essa profunda convicção, a ciência não seria possível”.

Essa mesma convicção faz Borges afirmar em relação a Calvino, e de modo expandido, a todos os verdadeiros calvinistas, “a possibilidade de aliar a pesquisa à firme convicção de que há um só Criador e que, portanto, as investigações podem aprofundar-se o quanto for necessário sem que se corra nenhum risco de uma descoberta científica ser prejudicial à vida de fé”.

Dentre os calvinistas mais conhecidos por sua contribuição à educação, Jan Amos Komenský, ou simplesmente, Comênio, é exemplo dessas origens mais antigas do tipo de confessionalidade que caracteriza o Mackenzie. Ele foi o autor de uma vastíssima produção, com mais de 140 tratados sobre a educação, tendo concluído sua Didática Magna em 1627, considerada por muitos como “o primeiro tratado sistemático de pedagogia, didática e sociologia escolar” (Bor-

ges, 2008, p. 59).

Certamente, ele não imaginaria a longevidade, extensão e profundidade de sua influência (Giles, 1987; Manacorda, 1989; Luzuriaga, 1983), a ponto de, muitos séculos depois, Comênio ter seus princípios inseridos em projetos educacionais e pedagógicos em centenas de escolas e faculdades no mundo inteiro, inclusive no Mackenzie (Mota, 1999; Ramalho, 1976).

O motivo para tal influência, segundo Inez Borges (2008, p. 60), deve-se à convicção de que “o processo educativo somente seria completo caso fosse dada equivalente atenção às três características indispensáveis para que o ser humano seja de fato humano, quais sejam: a instrução, a virtude e a piedade”.

A autora define esta tríade do processo educativo nos seguintes termos:

***A instrução refere-se ao cultivo da razão, e só é verdadeiramente racional aquele que conhece o fundamento de todas as coisas. A virtude é a característica que capacita o ser humano para exercer sábio domínio sobre as demais criaturas, e relacionar-se adequada e honestamente com o seu próximo. A piedade, por sua vez, refere-se especificamente ao aspecto espiritual do ser humano e à sua relação com Deus. (p. 55).***

Comênio (1996) estabelece qual é o fundamento, fio condutor e propósito maior de sua reflexão:

***Que é a ciência sem a moral?  
Quem progride na ciência e  
regride na moral anda mais  
para trás do que para a frente...  
A ciência não deve juntar-se à  
libertinagem, mas à virtude, para  
que uma aumente o brilho da  
outra. E, quando a uma e outra  
se junta uma piedade verdadeira,  
então a perfeição será completa.  
De fato, o temor de Deus, da  
mesma maneira que é o princípio  
e o fim da sabedoria, é também  
o cume e a coroa da ciência,  
porque a plenitude da sabedoria  
consiste em temer ao Senhor.<sup>35</sup>  
(p. 161).***

Esta pansofia elaborada por Comênio, na qual se idealiza “uma unidade de conhecimento, aceitando igualmente ciência, filosofia e religião como fontes de acesso à realidade” (p. 11)<sup>36</sup>, é claramente incorporada no lema de consagração da pedra fundamental do edifício 1 do campus do Mackenzie, em Higienópolis, onde se lê a dedicação do edifício “às ciências divinas e humanas”.

A influência educacional reformada continuou sendo percebida na medida em que a fé protestante alcançou populações em vários países da Europa, que, além de reconhecidos por sua confessionalidade piedosa, também eram comprometidos com a educação para as gerações futuras<sup>37</sup>.

Na França, os calvinistas ou huguenotes fundaram oito universidades e trinta e dois colégios, além de inúmeras escolas elementares. Na época elizabetana, a versão puritana do calvinismo dominou Oxford e Cambridge. As universidades de Lidem, Amsterdã, Utrecht, Drente e Groningem também seguiam os ensinamentos de Calvino. Abriam-se escolas elementares em Haia, Utrecht e Drente sob patrocínio público.

Ao atravessarem o Atlântico e fundarem as colônias no novo mundo para fugir da perseguição religiosa na Inglaterra, os puritanos, além da evangelização, enfatizaram a educação como pilar para a formação de uma nova sociedade (MILTON, 1928)<sup>38</sup>. Desta iniciativa, surgiram algumas das melhores universidades da ivy league<sup>39</sup>: Harvard, Princeton, Yale, entre outras (RYKEN, 1992)<sup>40</sup>, iniciadas poucos anos depois da chegada dos colonos ingleses ao novo mundo.<sup>41</sup>

Desta forma, assim como a Reforma Protestante do século XVI e seus desdobra-

mentos posteriores na Europa e América do Norte devem ser vistos a partir de uma lente multifocal, que deve necessariamente incluir análises políticas, econômicas, sociais, culturais – inclusive educacionais – e religiosas, assim também é preciso entender a presença protestante no Brasil.

Depois daquelas tentativas de protestantes franceses<sup>42</sup> e holandesas<sup>43</sup> de se fixarem no país nos séculos XVI e XVII, o protestantismo chegou definitivamente ao Brasil, beneficiado por um conflito permeado de várias motivações e desdobramentos econômicas e políticas, relacionados à chegada da família real de D. João VI (1808), em busca de abrigo seguro diante da invasão de Napoleão Bonaparte.

A abertura dos portos e os novos relacionamentos diplomáticos e comerciais<sup>44</sup>, trouxe a presença de imigrante não católicos-romanos e exigiu novas definições em relação a direitos de crença, de associação religiosa para o culto e a instrução religiosa. A Constituição de 1891 consagraria o princípio da separação do Estado e da Igreja, e famílias protestantes teriam, a partir daquele momento, além da garantia do exercício religioso livre, também a possibilidade de educar seus filhos de acordo com a confissão de fé cristã reformada que abraçavam.<sup>45</sup>

Desta forma, as primeiras escolas protestantes, especialmente nos núcleos de “protestantismo de imigração”, surgiram inicialmente a partir da década de 1820<sup>46</sup>. Este tipo específico de imigração de protestantes, especialmente na região sul do país<sup>47</sup>, diferenciava-se do que viria a ser implantado posteriormente, conhecido como “protestantismo de missão”<sup>48</sup> e do qual o Mackenzie é fruto, cujos objetivos, hoje chamados de missionais<sup>49</sup>, eram con-

carência de instrução podia ser um notável empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, todo calcado na leitura da Bíblia, livros, revistas e jornais”<sup>53</sup>.

O missionário presbiteriano pioneiro no Brasil, Ashbel Green Simonton, por exemplo, apresentou, em 16 de julho de 1867, uma proposta ao Presbitério do Rio de Janeiro, sob o título “Os meios propícios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil”, na qual enumera algumas iniciativas imprescindíveis para enfrentar “os grandes obstáculos provenientes de muitas causas”, dos quais se destaca a análise da educação feita por ele.<sup>54</sup>

Diante deste apanhado histórico-temático, é forçoso reconhecer que os princípios educacionais que norteiam o Mackenzie seguem o exemplo dessa secular tradição de grandes educadores do período da Reforma e dos séculos seguintes nos dois lados do Atlântico<sup>55</sup>.

Desde as primeiras iniciativas reformadas no Brasil com franceses e holandeses, passando pelo voluntarismo de missionários enviados ao Brasil, como o casal Chamberlain e seus sucessores no Mackenzie, chega-se aos dias atuais com uma notável e secular influência na educação do país.<sup>56</sup>

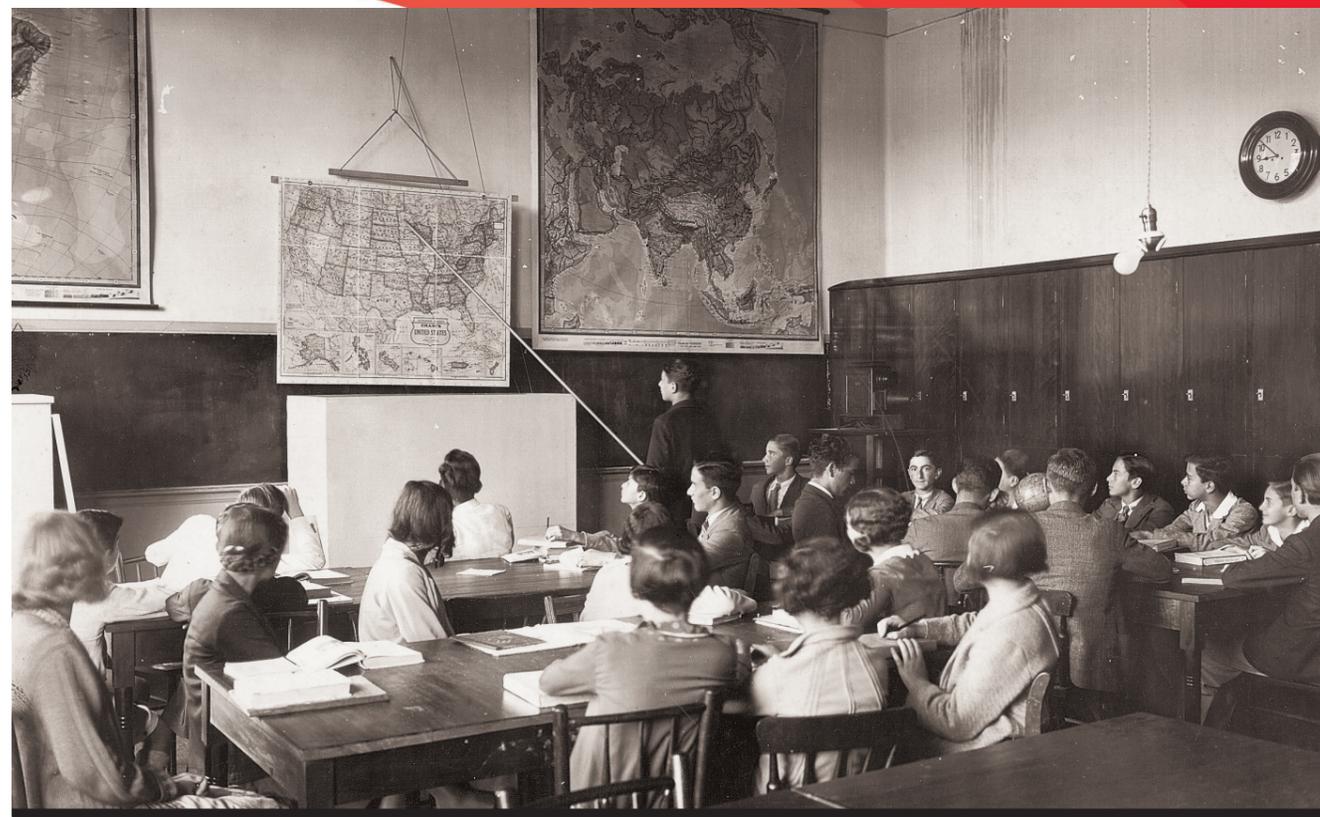
## DA EDUCAÇÃO E A SAÚDE: O SER HUMANO INTEGRAL E O VOLUNTARISMO MACKENZISTA

cretizados por meio de projetos de ação social e de implantação de escolas.<sup>50</sup>

Neste aspecto mais característico do “protestantismo de missão”, a importância destas escolas para a influência protestante reformada no Brasil é levada em consideração por Garrido (2005) ao afirmar que “a chegada dos protestantes no Brasil irá dar um novo fôlego na questão educacional brasileira. Com sua ética valorizando o ensino, o protestantismo influenciará diretamente na reestruturação da escola no Brasil. Por serem consideradas [as religiões] da palavra, as doutrinas reformadas oferecem o acesso à escrita”.<sup>51</sup>

Na mesma direção de demonstrar a influência das escolas protestantes no Brasil, Hack (2003) descreve como “as escolas acompanhavam as igrejas com o intuito de instruir o povo, os excluídos da sociedade brasileira”, ao mesmo que alcançava também alguns objetivos religiosos, na medida em que “a alfabetização passou a ser estratégia para a propaganda do protestantismo num Brasil semi-analfabeto do século XIX”.<sup>52</sup>

Esta opinião de como a alfabetização e a educação tornaram-se, por via secundária, um objetivo missional é endossada por Antonio Gouvea Mendonça, pois “a



Certamente, um aspecto ainda pouco estudado da mesma tradição reformada que motivou nossos pais fundadores a servir como educadores é a promoção dos cuidados com a saúde, embora seja um fato histórico, que junto à igreja e à escola, os reformados protestantes ativamente incentivaram a criação e manutenção de hospitais.

Um bom exemplo é o reestabelecimento do Hospital Geral de Genebra<sup>57</sup>, devido ao empenho de Guilherme de Farel e João Calvino, um fato nem tão conhecido, nem devidamente dimensionado como acontece com outras realizações do reformador em suas duas passagens pela cidade suíça.

Antes da fundação do Hospital Geral em 1535 no antigo convento das Clarissas, havia algumas instituições criadas entre o século XIII e o século XV, com o objetivo triplice de abrigo a todos os socialmente vulneráveis, e que eram sustentadas pela *Pysis Omnium Animarum Purgatorii* (caixa para todas as almas no purgatório), baseados na ideia de que ao fazer caridade, os doadores, ou aquelas pessoas mortas a quem queriam beneficiar com suas doações, teriam benefícios no purgatório.

Quando Calvino voltou a Genebra, em 13 de setembro de 1541, para reassumir o pastorado da antiga catedral de Saint

Pierre, escreveu as suas Ordenanças Eclesiásticas, uma proposta que planejava como a igreja deveria se organizar para exercer sua missão em atividades não apenas religiosas, mas também contribuintes para a educação e a ação social, ainda que respeitando-se as esferas da Igreja e do Estado.<sup>58</sup>

Este é um caso claro de como crenças e valores fundamentam atitudes concretas. Por isso, o Mackenzie, ao conceber a educação dirigida para o ser humano integral e para o exercício pleno da cidadania, torna inevitável que seus desdobramentos alcancem os cuidados de saúde, tanto do corpo como da mente, e por conseguinte, a transformação cultural e social.

Desde 1878, o Mackenzie, em pequenos gestos e iniciativas, tem demonstrado a visão de bem-estar do corpo, da alma e da ambiência social. Em um ato inédito no Brasil, o Mackenzie introduziu a prática escolar da educação física, com a criação do Departamento de Cultura e Física, além de incentivo a esportes, como o basquete, trazido para o nosso país pelo educador e missionário norte-americano Augusto F. Shaw, que em 1893 passou a lecionar no Mackenzie College.

Portanto, há um ponto de contato natural das preocupações com a educação e sua interface com a saúde integral do ser humano e da sociedade, de modo que tais acontecimentos históricos mencionados preanunciavam a atuação do Mackenzie na área de saúde, consolidada em anos mais recentes, com unidades hospitalares e de ensino de ciências da saúde do Mackenzie em Dourados, Mato Grosso do Sul, e Curitiba, Paraná.

Todavia, foi em algumas das crises mais agudas de saúde pública no Brasil, que realmente o Mackenzie demonstrou a mesma disposição de servir e influenciar positivamente o país, como fazia sistematicamente por meio da educação nas iniciativas já mencionadas.

Certamente, a mais marcante situação desse tipo ocorreu com a irrupção da chamada pandemia da “gripe espanhola” no início do Século XX<sup>59</sup>, que se estima ter vitimado mais de 30 milhões de pessoas em todo o mundo (Philips e Killingray<sup>60</sup>).

Na época daquela pandemia, São Paulo experimentou uma paralisação semelhante aos nossos dias com a COVID-19, neste início do século XXI, embora em um período mais curto (66 dias - entre 15 de outubro a 19 de dezembro de 1918) e com menos mortes (5.331 pessoas), do que aquelas provocadas pelo novo coronavírus SARS-CoV-2.

À época, as autoridades também determinaram ações de isolamento social, interrupção de atividades promotoras de aglomeração social, inclusive as escolares, chegando-se até mesmo a propor aprovação automática de todos os alunos, em uma

reação sistêmica aguda, que a historiadora da ciência e da saúde, Christiane Maria Cruz de Souza (2007) explica como sendo o *modus reactionem* típico em tempos de pandemia:

***Dentre as doenças que afligem as sociedades humanas, os flagelos epidêmicos são as que adquirem caráter de maior dramaticidade. As doenças epidêmicas surgem inesperadamente em lugar e tempo específicos, apresentam trajetória temporal e espacial e somem quase tão repentinamente quanto aparecem. Contudo, apesar da transitoriedade do evento epidêmico, o medo e a ansiedade, gerados pela súbita intensificação das experiências de morte, determinam a necessidade de entender o fenômeno, assim como o caráter de espetáculo público exige respostas visíveis e imediatas.<sup>61</sup>***





Para Rosenberg (1997), além das razões eminentemente clínicas<sup>62</sup>, tais reações são moduladas também pela pressão moral e política, comuns às crises epidêmicas, devido ao fato de que *“cada sociedade em particular constrói sua resposta a uma epidemia. De formas diversas, em períodos históricos e espaços geográficos específicos, indivíduos e grupos humanos utilizaram-se de signos, práticas e preceitos para racionalizar, administrar e combater as doenças”*.<sup>63</sup>

Em relação à pandemia de 1918/1919, depois devidamente categorizada pelos epidemiologistas como sendo provocada por uma

mutação do vírus influenza<sup>64</sup>, os registros da época demonstram que nem todos obedeciam às autoridades sanitárias, as quais, por sua vez, também não se revelaram devidamente preparadas<sup>65</sup>, e o caos que tomou conta de muitas regiões do Brasil<sup>66</sup> e do mundo não poupou São Paulo<sup>67</sup>.

Cláudio Bertolli Filho ressalta em seu estudo sobre a epidemia na cidade de São Paulo, *“a necessidade de se observar a sociedade como um objeto de estudo marcado pela heterogeneidade”*, em uma época que já se vislumbrava os primeiros sinais da modernidade paulistana no início do século XX, mas, por outro lado,

em suas próprias e crassas palavras, a cidade era *“suja e infecta do operariado e dos marginais, dos imigrantes e dos negros”*<sup>68</sup>.

Nesta linha, Bertolli Filho tanto questiona a eficiência da organização sanitária de São Paulo no combate à epidemia, como também salienta as estratégias desenvolvidas pela sociedade paulistana para derrotá-la, contando com a ação filantrópica de instituições privada. O crescente número de mortes e a necessidade urgente de mais leitos para abrigar e tratar os doentes levaram o governo a apelar para iniciativas da sociedade a fim de que se dispusesse a ajudar<sup>69</sup>. Foram criados, então, cerca de 70 “hospitais provisórios de isolamento” em instalações cedidos pela iniciativa privada para receber os doentes, sem dinheiro público envolvido.

A pesquisadora Christiane Maria Cruz de Souza, analisa iniciativas assim, que chama de *“respostas ecléticas que representam importante papel em meio à crise”*<sup>70</sup>, e que devem ser vistas como ritos de enfrentamento permitindo *“a percepção dos valores sociais da época e, da mesma forma, os conflitos que os separam, evidenciando as crenças e estruturas de autoridade”*<sup>71</sup>, dentre os quais, a *“exacerbação da religiosidade”*.

Naquela ocasião, os mackenzistas a enfrentaram com destemor, e, sobretudo, em plena confiança nas ações graciosas de Jesus

Cristo mesmo em meio a catástrofes. Com efeito, foi a confissão de fé e a cosmovisão mackenzista que certamente fomentaram a reação diferenciada da instituição, mesclando submissão à providência divina com a irrestrita obediência aos princípios médicos, às

descobertas científicas e às terapêuticas disponíveis à época, e como consequência, concretizando-se nas devidas ações práticas reveladoras da prudência e do bom senso cristãos.

Esta confiança e providência provém da visão equilibrada ensinada na teologia reformada sobre a graça geral e sobre o mandato cultural, pelos quais Deus dota os indivíduos de saberes diversos, independentemente de suas convicções e práticas religiosas, para que, a serviço da educação, da ciência, da tecnologia etc. se tornarem mandatários e instrumentos divinos para o bem-estar coletivo, quer tenham consciência dessa vocação divina ou não.

A confiança na providência divina, especialmente destinada aos filhos do pacto da graça, fundamenta a resiliência

e o voluntarismo de cristãos confiantes na provisão, proteção e direção divinas, segundo a soberana e particular vontade de Deus, independentemente da resultante imediata para cada indivíduo, pois *“todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e que são chamados segundo o*

“

**TODAS AS COISAS  
COOPERAM PARA  
O BEM DAQUELES  
QUE AMAM A DEUS  
E QUE SÃO  
CHAMADOS SEGUNDO  
O SEU PROPÓSITO**

”

(ROMANOS 8.28)



seu propósito" (Romanos 8.28).

Certamente, nossos princípios e valores<sup>72</sup> fundamentaram a reação da comunidade mackenzista em disponibilizar o Prédio 48 do Mackenzie com cerca de 400 leitos e envolver-se nos cuidados dos enfermos, por meio de funcionários voluntários. Por isso, a ação do Mackenzie não deve ser reduzida a uma simples "exacerbação do sentimento religioso", e sim, como uma expressão ética fidedigna e concreta da máxima cristã de amar ao próximo como a si mesmo, sintetizada na regra áurea ("Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a ele" – Mateus 7.12).

A verdade é que mesmo antes da crise da grise de 1918, a história de São Paulo registra as primeiras relações do Mackenzie com os cuidados de saúde, especificamente em referência à origem do Hospital Samaritano, cuja fundação surgiu de uma curiosa e providen-

cial experiência do imigrante chinês protestante, José Pereira Achaó.

Acometido de febre tifoide, Achaó teve grandes dificuldades de ser atendido na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, não por conta de sua enfermidade, mas de sua profissão de fé religiosa. Tendo sobrevivido, resolveu doar recursos à Igreja Presbiteriana (1884), com a intenção de prover meios para todas as pessoas, independentemente de seu credo, serem atendidos em um hospital a ser construído. Infelizmente, a doação não chegou aos cofres da igreja, pois as leis do Império brasileiro não reconheciam igrejas protestantes como entidades que pudessem receber doações, e a quantia foi então incorporada ao erário público.

Entretanto, mesmo não sendo aparentemente do interesse do Império que um hospital nesta configuração fosse construído, ele veio a ser edificado por iniciativa e financia-

mento direto de empresários de São Paulo, inclusive de alguns presbiterianos. O Hospital recém-inaugurado teve como seu diretor o médico presbiteriano Lauriston Job Lane, irmão do também médico Horace Lane, que no segundo semestre de 1885 assumiria a direção do Mackenzie, passando posteriormente (1901) a integrar o corpo de médicos do hospital, assumindo a direção clínica de 1907 até 1942.<sup>73</sup>

Este envolvimento oblíquo do Mackenzie com a área de saúde, viria efetivamente a se tornar uma diretriz institucional mais de um século depois, com a reforma estatutária por decisão do Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie e aprovação do Associado Vitalício, a Igreja Presbiteriana do Brasil, permitindo ao Mackenzie assumir unidades educacionais na área de saúde, assim como unidades hospitalares de cuidados clínicos.

Em 2018, o Instituto Presbiteriano Mackenzie adquiriu o Hospital e a Faculdade Evangélica do Paraná, os quais foram denominados, respectivamente, de Hospital Universitário Evangélico Mackenzie e Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, os quais se juntaram ao Hospital Evangélico Dr. e Sra. Goldsby King e à Escola de Enfermagem, ambos na cidade de Dourados-MS e mantidos pela Associação Beneficente Douradense, do qual o IPM é associado efetivo desde 2017.

Atualmente, o Mackenzie, que já possuía importante e relevante atuação na área da saúde, pelos cursos oferecidos em nível técnico, superior e pós-graduação em ciências médicas e biológicas, agora passou a formar profissionais em várias carreiras de saúde, fomentando e incentivando pesquisas e provendo serviços de extensão à sociedade, tanto em seu campus de Higienópolis, como em *campi* fora de São Paulo<sup>74</sup>.

# A ATUALIDADE DO LEGADO DO MACKENZIE: UMA PROPOSTA DE UMA ABORDAGEM CONFSSIONAL CRISTÃ SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

Este recorte histórico da atuação do Mackenzie nas áreas de educação e de saúde exemplificam que, subjacente a seus objetivos e estratégias institucionais, repousa o fundamento confessional de tais iniciativas. O Senhor Jesus Cristo ensinou aos cristãos que eles, enquanto estão peregrinando aqui neste mundo, são o sal da terra e a luz do mundo:

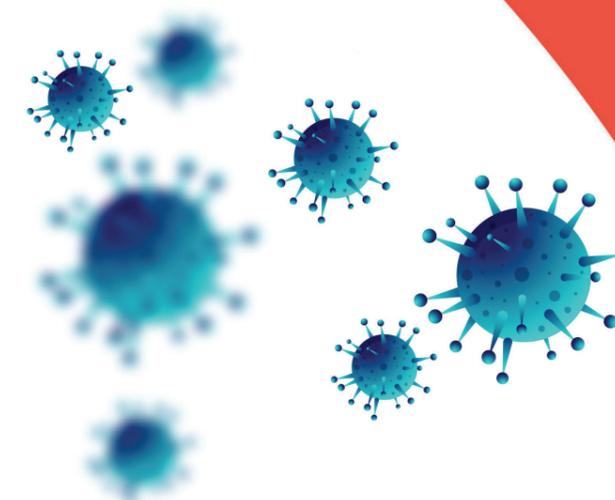
*Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.*

Acerca destas metáforas, o teólogo e expositor bíblico John Stott (1981) comenta:

*Quando examinamos mais detalhadamente as duas metáforas, vemos que foram deliberadamente proferidas a fim de serem comparadas uma com a outra. Nos dois casos, Jesus primeiro faz uma afirmação ("Vós sois o sal da terra", "Vós sois a luz do mundo"). Depois, ele acrescenta um apêndice, a condição da qual depende a afirmação (o sal deve manter sua qualidade de salgar e a luz deve brilhar). O sal para nada serve se perder a sua salinidade; a luz torna-se inútil, se for escondida.*

Estas duas analogias – sal e luz – revelam a mesma intenção sintetizada em uma só palavra: influência. Obviamente, tal influência acontece de modo diferente, pois enquanto o sal opera internamente no meio em que é inserido, a luz opera externamente e por contraste, irradiando luz em meio a trevas.

Por isso, além desta compreensão conceitual, a correta aplicação das figuras do sal e da luz é particularmente relevante como expressão missional da fé cristã, sobretudo em dias sombrios e decadentes quando o mundo enfrenta a pandemia da COVID-19. Temáticas relacionadas à educação, à ciência e à saúde têm sido mais abordadas e de modo ainda mais saliente, tanto pelo mundo acadêmico, como pela



população em geral, urgindo que uma abordagem confessional cristã seja oferecida como contribuição ao debate.

Por óbvio, o Mackenzie, como instituição confessional, educacional e de saúde, em seu caráter filantrópico, não é por natureza, nem por finalidade, semelhante a uma comunidade religiosa. Contudo, em seu objetivo missional, ela já tem sido usada por Deus para influenciar positivamente o Brasil, ao longo dos seus 150 anos de existência. Portanto, não é fora de propósito, aplicar tais metáforas como uma leitura possível da abordagem missional sobre a pandemia da COVID-19.

Em síntese, na condição de peregrinos educadores e cuidadores, os mackenzistas têm tido uma vocação primordial de influenciar positivamente a sociedade brasileira, pela educação e pela saúde, ao lado de outras instituições estabelecidas por Deus em sua graça comum, para que a sociedade não se afunde no caos, proveniente originalmente do abismo da queda do ser humano feito à imagem de Deus.

Estas instituições, tais como a família, a igreja e o Estado, são concebidas para o exercício da vontade soberana do Criador em suas respectivas esferas de atuação, âmbitos e meios de cumprimento dos seus propósitos. A ideia de que, debaixo da soberania absoluta do Criador sobre o universo, subsistam esferas de atuação de instituições criadas por Deus, e com soberania dele derivada com caráter relativo, tem sido elaborada mais detalhadamente pela chamada teoria das esferas proposta por nomes importantes do movimento conhecido como neocalvinismo<sup>76</sup>.

Algumas questões emergem naturalmente, quando pensamos dessa dupla metáfora, a partir das esferas distintas de atuação de instituições sociais da esfera pública não estatal como é o caso do Mackenzie.

As primeiras perguntas a serem respondidas dizem respeito às possibilidades e objetivos da expressão confessional do Mackenzie. Além da indispensável confessionalidade conceitual e teologicamente bem definida com verdades sonoras jogando *luz ao mundo* e desafiando intelectualmente erros, filosofias e ideologias, haveria outra influência proposta por Deus a seus filhos em geral, e ao Mackenzie, institucionalmente falando?

Certamente, é imprescindível defender e proclamar toda verdade de Deus, mas, ao buscar fazer isso, deve-se desconstruir de tal maneira, como se fosse uma tática de terra arrasada? Ou o chamado é para aplanar o terreno com a finalidade de levantar um edifício bem mais alto, mais belo e mais inspirador que possa apontar todo o cosmos para o Criador? Em outras palavras, há um complemento e um desdobramento necessários à postura apologética, a fim de que se manifeste concomitantemente uma confessionalidade

propositiva, contribuinte e aplicada?

Este papel de ser *sal da terra*, que evita a deterioração, tem sido devidamente exercido, baseado nos princípios antecedentes às metáforas e que estão preconizados nas bem-aventuranças do sermão do Monte? Princípios como humildade de espírito, fome e sede de justiça, pureza de coração e misericórdia etc., os quais enfatizam os principais sinais de conduta de um discípulo de Jesus que realmente tem um caráter cristão amadurecido?<sup>77</sup>

Por confessionalidade propositiva, contribuinte e aplicada, entenda-se a confissão de fé e a cosmovisão cristã que também se manifestam, de modo saudável e frutífero, em engajamento no debate de como aquilo que o Mackenzie crê, como instituição confessional, pode ser colocado ao dispor da academia e da sociedade, tanto como um fundamento melhor e mais adequado ao que é proposto por uma cosmovisão secularizada e operacionalizado por uma *práxis* meramente utilitarista e pragmática.

As propostas e atos de justiça, de amor e de solidariedade, ou como o próprio Senhor Jesus chama de *"vossas boas obras"*, as quais, brilhantes como luz diante dos homens, promovam a glória do Pai que está nos céus certamente são a maneira mais altissonante para demonstrar que a nossa fé é relevante e transformadora.

O entendimento de Stott, sem muitas dificuldades e elocubrações em delimitar o significado da expressão *"boas obras"*, é que vai na direção de ser *"uma expressão generalizada, que abrange tudo o que o cristão diz e faz porque é cristão, toda e qualquer manifestação externa e visível de sua fé cristã"*<sup>78</sup>.

Isto certamente inclui tanto a confissão verbal e o ensino da verdade que se crê, como a vivência concreta dela decorrente nas múltiplas formas de amar ao próximo. Por um lado, o que se crê e o que se fala demonstra a quem somos leais, da mesma maneira que, aquilo que é feito, também contribui e aplica-se para o bem daqueles a quem o cristão serve na sociedade. Tanto *boas novas*, como *boas obras* honram a Deus e conferem credibilidade à nossa confissão, porque a sociedade, que ouve o que os cristãos pregam e vê o que os cristãos fazem, tem a oportunidade de glorificar ao Pai que está nos céus.

As premissas e diretrizes para cumprir esta missão começam com a verdade de que

para fazer diferença é preciso ser diferente, pois a *"salinidade do cristão é o seu caráter, conforme descrito nas bem-aventuranças; é discipulado cristão verdadeiro, visível em atos e palavras"* (Stott, 1981)<sup>79</sup>. Ao mesmo, também precisa enfatizar a verdade de que *cristãos diferentes devem se manter diferentes*, enquanto fazem a diferença, e isto implica em mais do que um discurso religioso e moralista, chegando a uma demonstração fática de princípios, valores e práticas transformadoras.

Esta relação entre identidade com Cristo e a eficácia na influência é crucial para que, ao invés de fazer a diferença, sendo diferente e se mantendo diferente, o cristão não se torne alguém tão somente exótico, irrelevante e desprezível, restando-lhe, infelizmente, apenas ser *"lançado fora e ser pisado pelos homens"*.

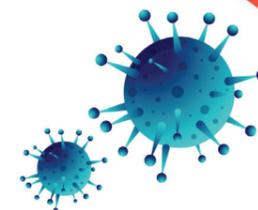
Esta idéia de o sal se tornar insípido é definida por Jamieson, R., Fausset, A. R., & Brown, D. (1997) quando: *"o cristianismo do qual depende a saúde do mundo, em qualquer idade, região ou indivíduo, existe apenas em nome, ou, se não contém aqueles elementos salvadores por falta dos quais o mundo define"*<sup>80</sup>

Este é o duplo risco: por um lado, a opção pela alienação e pela omissão, ao abandonar a missão de contrastar com aquilo que é diferente na confissão e cosmovisão cristãs, e, por outro lado, a alternativa de uma integração entreguista a perversões do Evangelho, travestidas de ideologias de qualquer matiz, que são destituídas do poder sobrenatural das boas novas e da plena redenção possíveis somente em Jesus Cristo.

No primeiro caso, o cristão aliena-se e não sai do saleiro, e no segundo caso, o cristão se mistura com outras substâncias que não são sal, perde o sabor e não evita a deterioração. Em um caso, não salga porque é ausente, e por isso, irrelevante; noutra, porque é imperceptível, apesar de estar presente.

Por isso, Stott (1981) constata que se, por um lado, *"alguns não-cristãos adotam uma falsa aparência de cultura cristã. Por outro lado, alguns cristãos professos parecem indiscerníveis dos não-cristãos e, assim, negam o nome de cristão através do seu comportamento não-cristão"*, embora, para ele, *"provavelmente, a maior de todas as tragédias da Igreja através de sua longa história, cheia de altos e baixos, tem sido a sua constância de conformar-se à cultura prevalecente, em lugar de desenvolver uma contracultura cristã"*<sup>81</sup>.

Ao refletir sobre a candeia que não se



deve esconder, Bonhoeffer também fala do caminho do discipulado – *"refugiar-se no invisível é uma negação do chamado. Uma comunidade de Jesus que procura esconder-se deixou de segui-lo"*<sup>82</sup> –, e por isso, propõe:

***Antes, nós de—vemos ser cristãos autênticos, vivendo abertamente a vida des-critan nas bem-aventuranças, sem nos envergonhar de Cristo. Então as pessoas nos verão, e verão as nossas boas obras e, assim, glorificarão a Deus, pois reconhecerão inevitavelmente que é pela graça de Deus que somos assim, que a nossa luz é a luz dele, e que as nossas obras são obras dele feitas em nós e através de nós. Desse modo, louvarão a luz, e não a lâmpada que a trans—mite, glorificarão a nosso Pai que está nos céus, e não aos filhos que ele gerou e que têm traços da sua família.***<sup>83</sup>

Em 1897, no 25o aniversário de sua função como editor do De Standaard, Abraham Kuyper<sup>84</sup>, o mais conhecido representante do neocalvinismo, disse:

*Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida. Uma grande motivação tem agido como uma espora sobre minha mente e alma. E antes que seja tarde, devo procurar cumprir este sagrado dever que é posto sobre mim, pois o fôlego de vida pode me faltar. O dever é este: Que apesar de toda oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação dêem testemunho, até a nação novamente render homenagens a Deus.*

## CONCLUSÃO:

Portanto, desde 1870, o Mackenzie, quando crianças precisavam alfabetizadas para mitigar o grande desafio enfrentado pelos Chamberlain, até o presente, exatos 150 anos depois, a providência divina nos leva ao enfrentamento da pandemia de Covid-19.

Novamente, os mackenzistas, em suas diversas funções como profissionais de educação e saúde, têm sido chamados à linha de frente, para o combate de uma crise de saúde pública com desdobramentos sobre a educação dessa geração.

Nesse sentido, estamos atendendo incontáveis pessoas, por meio de nossa atuação profissional na educação e saúde. Os profissionais mackenzistas estão servindo à sociedade brasileira em suas reais necessidades, nos hospitais Mackenzie e nas escolas Mackenzie em todos os níveis, como fizeram nossos pais fundadores e seus herdeiros.

Afinal, reafirmamos que a nossa confessionalidade traz a luz do Evangelho, e, por isso, esta Luz sempre será suficiente para iluminar todas as pessoas, por inteiro.

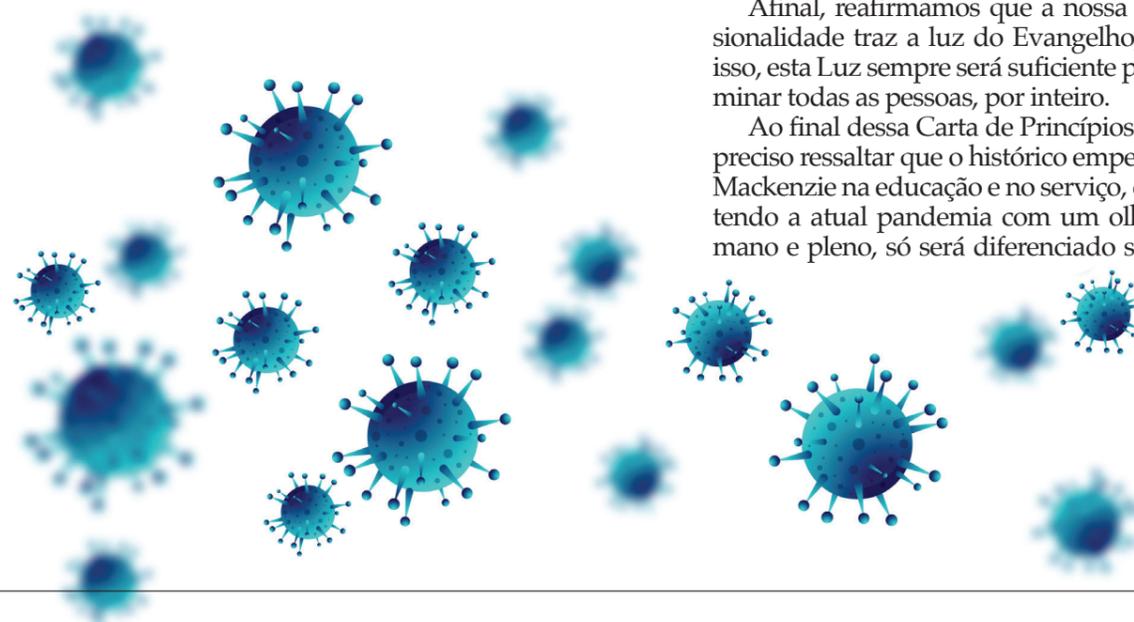
Ao final dessa Carta de Princípios 2020, é preciso ressaltar que o histórico empenho do Mackenzie na educação e no serviço, combatendo a atual pandemia com um olhar humano e pleno, só será diferenciado se anco-

rado na confessionalidade e na cosmovisão cristã. Este é nosso modelo de educação e saúde integral, que reconhece o ser humano como criado por Deus, e que garante sua dignidade intrínseca.

Não há, pois, pessoa sem importância ou desprezada, independentemente de raça, credo, gênero, posição política etc. Nenhum ser humano se resume a números, nem a se tornar campo de debate ideológico ou político. Na verdade, sem qualquer acepção de pessoas, todos devem receber respeito e cuidados, especialmente na condição de crise em que nos encontramos.

Por conseguinte, tudo que o Mackenzie tem feito visa ao bem-estar desse ser humano integral, criado por Deus com dignidade. Dito de outro modo, mesmo diante da situação de pecado em que o ser humano se envolveu, nada impede que o amor gracioso e salvador de Jesus Cristo o alcance. Aliás, há na confessionalidade mackenzista uma ardente e sincera expectativa de remissão de pessoas nesse mundo caído. Nossa visão cristã de mundo nos permite acreditar que não seremos derrotados por esse inimigo, ainda que seja voraz e impiedoso. Ainda somos e seremos sempre apenas peregrinos à serviço de Deus e do próximo, quer seja na educação, quer seja na saúde.

Portanto, a chama da esperança e fé em Jesus Cristo mantém-se acesa, viva e norteadora, pois nos entendemos, indubitavelmente, como peregrinos, educadores e servos, vocacionados para anunciar um futuro de dias melhores, conquistado com o sangue de Cristo Jesus, que é o propósito e o sentido último da existência e permanência do Mackenzie até os dias de hoje.



CRÉDITOS:

NOTAS:

## CRÉDITOS:

## NOTAS:

## CONSELHO DE CURADORES



Rev. Juarez Marcondes Filho  
Presidente



Renato Laranjo Silva  
Vice-Presidente



Rev. Cid Pereira Caldas  
Secretário



Rev. Roberto Brasileiro Silva  
Membro Nato



Antônio César de Araújo Freitas  
Membro



Carlos César Bof Bufon  
Membro



Rev. Paulo César Diniz de Araújo  
Membro

## CONSELHO DELIBERATIVO



Hesio Cesar de Souza Maciel  
Presidente



Rev. Cid Pereira Caldas  
Secretário



Adilson Vieira  
Segundo Secretário



Rev. Roberto Brasileiro Silva  
Vogal



Antônio César de Araújo Freitas  
Vogal



Rev. Alcyon Vicente P. C. Júnior  
Membro



Anizio Alves Borges  
Membro



Antônio Cabreira Mano Filho  
Membro



Carlos César Bof Bufon  
Membro



Claudson Roberto Lima Xavier  
Membro



Ednilton G. de Soares  
Membro



Ernesto de Jesus Herrera  
Membro



Rev. Juarez Marcondes Filho  
Membro



Mauricio Melo de Meneses  
Membro



Milton Flávio Moura  
Membro



Nehemias Curvelo Pereira  
Membro



Rev. Paulo César Diniz de Araújo  
Membro



Renato Laranjo Silva  
Membro

## DIRETORIAS

<sup>1</sup> Por força do decreto n. 4676, em cumprimento à lei 1.829, foi criada a Diretoria Geral de Estatística (DGE). Em 29 de maio de 1936, começou a funcionar o Instituto Nacional de Estatística, e que numa simples mudança de sigla, em 26 de janeiro de 1938 viria a ser o IBGE.

<sup>2</sup> GARCEZ, O Mackenzie, p. 36. Chamberlain, cuja formação tinha sido no Delaware College e nos Seminários Union (NY) e Princeton (NJ), contava com as recomendações do missionário A. G. Simonton para orientar a obra educacional em nosso país.

<sup>3</sup> GARCEZ, O Mackenzie, p. 39

<sup>4</sup> MENDES, Marcel. Tempos de Transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesial (1957-1973). São Paulo: Editora Mackenzie, 2016, p. 42. De acordo com Mendes, "Os contributos da chamada pedagogia norte-americana não só norteariam a instituição fundada por Chamberlain, como se propagaram a partir dela"

<sup>5</sup> GARCEZ, O Mackenzie, p. 36. Na época, o método utilizado era o "debucho", um sistema pelo qual o professor fazia um esboço, um rascunho a lápis e o aluno escrevia com tinta por cima. Este método, bem como os castigos físicos, que apavoravam as crianças, foram desprezados e substituídos por uma pedagogia, que não desconsiderava a disciplina, mas cujo foco era no ensino-aprendizagem.

<sup>6</sup> MORAES, Gerson Leite. *Entre a Bíblia e a Espada: uma análise da filosofia e da teologia política em João Calvino*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2014. Como bem salienta Moraes (2014, p. 18), "[...] no conjunto das transformações verificadas no período [Idade Média], observa-se o aparecimento salutar das universidades, cujos métodos de ensino foram se consolidando através do tempo". Os métodos eram a *lectio*, ou a leitura de textos autorizados, a *questio*, que era uma discussão sobre questões levantadas pela leitura dos textos e a *disputatio*, ou disputa, em torno de temas que transcendiam as questões dos textos e podia envolver alunos e professores.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Terezinha. *Origem e memória das universidades medievais a preservação de uma instituição educacional*. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p. 113-129, jan./jun. 2007.

<sup>8</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Editora Companhia das Letras 2010. Enquanto a primeira diz respeito ao que era produzido e transmitido em escolas, universidades pela minoria letrada, a última é aquela do senso comum das pequenas vilas e do povo simples. Burke afirma: "Havia uma minoria que sabia ler e escrever, e uma maioria analfabeta, e parte dessa minoria letrada sabia latim, a língua dos cultos. Essa estratificação cultural faz com que seja mais adequado um modelo mais complexo, que foi apresentado nos anos 1930 pelo antropólogo social Robert Redfield. Em certas sociedades, sugeriu ele, existiam duas tradições culturais, a "grande tradição" da minoria culta e a "pequena tradição" dos demais. A grande

tradição é cultivada em escolas ou templos; a pequena tradição opera sozinha e se mantém nas vidas dos iletrados, em suas comunidades aldeãs [...] As duas tradições são interdependentes. A grande tradição e a pequena tradição há muito tempo têm se afastado reciprocamente e continuam a fazê-lo [...] Os grandes épicos surgiram de elementos de contos tradicionais narrados por muita gente, e os épicos voltaram novamente ao campesinato para modificação e incorporação nas culturas locais" (p.63)

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC. 2002. Ao tratar do vocábulo "universidade" (p. 573-588), Jacques Verger afirma que "a universidade é uma das grandes criações da Idade Média". Ele traça sua origem histórica, a partir da escola antiga, laica e pública desaparecida nas primeiras décadas do século VI na Gália, Espanha e Itália, tendo em seu lugar organizando-se "muito lentamente, uma rede muito diferente de escolas eclesiais, instaladas junto às catedrais e mosteiros, fundadas e controladas por bispos e abades". Para ele, "foi nessa época que a Igreja estabeleceu se quase monopólio sobre o ensino", situação que, segundo ele, começa a mudar com o que ele chama de "revolução escolar" para designar o que comumente se chama de Renascença do século XII, "ocorrida em um contexto global favorável (surto econômico, crescimento urbano, renovação do comércio e da circulação, reforma da Igreja, reestruturação dos poderes laicos, reabertura do espaço mediterrâneo)", na qual surgem as sementes das primeiras universidades, que deixaram as escolas monásticas em segundo plano. Inicialmente "a originalidade [das universidades] estava na autonomia ou, como se dizia, nas liberdades e privilégios de que usufruíam mestres e estudantes", assim como a sua "vocação universalista", definida por ele como sendo "extraído de dupla fonte, da ciência antiga (oportunamente enriquecida pelos árabes) e da Revelação cristã. Ensinado em uma língua também universal (o latim), apoiado em todos os locais sobre as mesmas 'autoridades' (Prisciano, Aristóteles, Galieno, o corpus iuris civilis, a Bíblia, as Sentenças de Pedro Lombardo etc.) alheio, portanto, a qualquer particularismo nacional ou regional era uniformemente encontrado em todas as universidades da Cristandade", apesar da *ubique docendi* do Chanceler que, em algumas universidades, conferia a confirmação da garantia do papa aos mestres contra abusos de outras autoridades, e "em troca, o papa esperava das universidades que fossem fiéis e ortodoxas auxiliares do magistério romano".

<sup>10</sup> Para uma pesquisa mais profunda sobre as características daquele "ambiente universitário, com métodos de ensino estabelecidos e em constante aperfeiçoamento", recomenda-se a leitura de *Terminologie des universités au XIIIe siècle* (Olga Weijers, 1987), ainda não disponível em português, duas obras da Cambridge University Press, *A History of the University in Europe* (Water Rüegg, 1992) e *The First Universities: studium generale and the origins of university education in Europe* (André Vauchez; Olaf Pedersen, 1997) e a já tradicional *The Rise of Universities* (Charles Homer Haskins, 1957).

<sup>11</sup> GAMBI, Franco. *História da Educação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 249.

# NOTAS:

<sup>12</sup> GILES, Thomas Ranson. **História da Educação**. São Paulo, São Paulo: Ed. EPU, 1987, p. 125. Não foi sem razão que lhe foi atribuído o título de Mestre da Germânia.

<sup>13</sup> GAMBLI, Franco. **História da Educação**, p.250. Segundo Melanchthon, a ignorância é o maior adversário da fé e por isso precisava ser combatida. O caminho é a reforma da educação, o retorno à Palavra de Deus e o resgate da autoridade intelectual e moral dos educadores.

<sup>14</sup> Na área específica de educação, MOORE, T. M. **Some observations concerning the educational philosophy of John Calvin**. *Westminster Theological Journal*, v. 46, n. 1, 1984, p. 140-155. Disponível em: <https://www.galaxie.com/article/wtj46-1-07> e CAMPOS, Heber C. **A Filosofia Educacional de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra**. Fides Reformata 5/1 (2000) demonstram que “foi na área da educação que Calvino desfrutou um de seus sucessos mais duradouros”. (MOORE, 1984, p. 141).

<sup>15</sup> Campos (2000) destaca a concepção de educação integral para Calvino: “Calvino possuía um propósito muito definido em sua filosofia educacional: ele queria que as crianças de Genebra viessem a ser úteis à sociedade, mas que suas mentes fossem formadas pelos ensinamentos das Santas Escrituras. Ele queria futuros cidadãos de Genebra bem preparados não somente na fé bíblica, mas também na linguagem e nas humanidades”. Por isso, ele dava uma ênfase primordial à educação voltada para a Escritura, bem como para as artes e as ciências. Ele queria cidadãos devidamente formados e formados de uma maneira completa, a fim de que pudessem assumir a liderança futura do mundo que ele esperava”.

<sup>16</sup> KNUDSEN, R. D. **O calvinismo como uma força cultural**. In: REID, W. S. (org). Calvino e sua influência no mundo ocidental. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. defende que “[...] o impacto de Calvino e do Calvinismo sobre a moderna cultura ocidental está bem documentada. É reconhecido que esta influência foi grande. Calvino e o Calvinismo ocuparam seu lugar entre as maiores forças que modelaram nossa moderna sociedade ocidental”. (p. 11)

<sup>17</sup> FERREIRA, Wilson Castro. **Calvino: Vida, Influência e Teologia**. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1995, p. 184.

<sup>18</sup> BORGES, Inez Augusto. **Confessionalidade e Construção Ética na Universidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008. A razão para que, no pensamento de Calvino não houvesse distinção ou hierarquia de valores entre o estudo de línguas, história, ciências ou religião era porque todo o ensino visava ao aperfeiçoamento do ser humano, para o cumprimento de sua vocação, uma antecipação da ideia de educação universal e integral tão em voga nos dias atuais, pois “Na visão educacional de João Calvino, era impossível a fragmentação do saber, pois ele considerava impossível dividir o conhecimento humano em compartimentos ‘sagrados’ e ‘mundanos’. Pelo contrário, Calvino entendia que todo o verdadeiro conhecimento provém do Criador, Calvino entendia que todo o verdadeiro conhecimento provém do Criador, não importando por meio de quem esse conhecimento tenha chegado até nós”. (p. 53).

<sup>19</sup> WILES, Joseph Pitts. **As Institutas da Religião Cristã – um resumo**. São Paulo: PES, 1984, p. 30.

<sup>20</sup> MCNEILL, John T. **The History and Character of Calvinism**. New York: Oxford University Press, 1954.

No tempo de Calvino, a Academia chegou a ter 1500 alunos matriculados, em sua maioria estrangeiros; mais de 300, eram alunos de Teologia, Direito e Medicina.

<sup>21</sup> Campos (2000, p. 8) afirma que “[...] a princípio, Calvino queria estabelecer uma universidade com quatro áreas, mas foi forçado pelas circunstâncias precárias da época a criar somente uma Academia [...] a schola privada, (que ensinava as crianças e adolescentes até dezesseis anos) e a schola publica (que fornecia o ensino universitário)”. No recorte confessional, “Calvino insistiu que a Academia ficasse sob o controle da Igreja. Todos os professores eram indicados pelos ministros de Palavra e deveriam estar debaixo de uma estrita disciplina eclesial. Tanto a vida dos professores quanto o conteúdo dos seus ensinamentos deviam refletir a cosmologia reformada do ensino [...] os professores indicados e os alunos tinham que assinar a Confissão de Fé de Genebra e, em todo o tempo, deveriam estar sujeitos às autoridades eclesialísticas da igreja de Genebra”, o que refletia a beligerância religiosa da época e, até certo ponto, a necessidade de manter o princípio do *cuius regio, eius religio* (“de quem é a região, dele se siga a religião”), fruto da Paz de Augsburg (1555).

<sup>22</sup> MCGRATH, Alister. **A vida de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 230. Algumas obras da editora Mackenzie também são importantes para se conhecer a relação de Calvino e a educação e sua influência até os dias de hoje: **Calvino e a Educação – A configuração da pedagogia reformada no século XVI**, de Paulo Henrique Vieira. Editora Mackenzie. 2008 e **Calvino e a influência de seu pensamento. Ensaio brasileiro sobre Calvino e Calvinismo**, de Osvaldo Hack. Editora Mackenzie. 2012

<sup>23</sup> CALVINO, João. **Cartas de João Calvino – celebrando os 500 anos de nascimento do reformador de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. Tal era a importância que Calvino dava ao lugar da universidade como formadora de valores aderentes à confessionalidade cristã que ele chega a escrever a Eduardo VI, rei da Inglaterra entre 1547 e 1553, sobre o bom uso da subvenção real à formação acadêmica e à pesquisa em uma época na qual as bolsas de estudos eram tão estratégicas para os reinos como eram os tributos que mantinham os exércitos “[...] Majestade, porque é comum dizer-se que nas vossas universidades há muitos jovens sustentados com bolsas acadêmicas, os quais, em vez de serem a boa esperança de serviços à igreja, mostram-se inclinados à malícia e a arruiná-la, sem nem mesmo dissimularem que se opõem à verdadeira religião. Por isso, Majestade, mais uma vez suplico-vos, em nome de Deus, que, quanto a isso, seja do vosso agrado ordenar que os recursos que deveriam permanecer santificados não sejam desviados para usos profanos”. (p. 88).

<sup>24</sup> HALSEMA, T. B. Van. **João Calvino era assim**. São Paulo: Vida Evangélica, 1968. Segundo Halsema (1968, p. 69), Genebra aderiu ao protestantismo “[...] por um edital de 27 de agosto, a religião de Roma deixou de ser a religião de Genebra [...] Um dos mosteiros foi transformado numa escola primária, com matrícula obrigatória para as crianças. Foi a primeira escola deste tipo em toda a Europa.” Um dos aspectos mais importantes desta influência foi a inauguração da Universidade de Genebra, em 1559, apenas dezoito anos depois de ter se instalado na cidade.

<sup>25</sup> Borges (2008, p. 50, 53) lembra que “[...] foi em meio a um contexto de opressão religiosa marcada por uma quase total falta de ocupação com a educação do povo que surgiu, no final da Idade Média, a educação confessional ligada à Reforma Protestante dos séculos XVI e XVII”. STRECK, Danilo Romeu. **Educação e Cidadania: uma contribuição a partir da Reforma Protestante**. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, ano XI, v. 12, p. 31-43, 1996. Danilo Streck: “Calvino descreve sua própria conversão como uma ‘conversão à educabilidade’, ou seja, não como um ponto de chegada, mas como o início de um novo aprendizado” (p. 31)

<sup>26</sup> NICODEMUS, Augustus. **Calvino e a responsabilidade social da Igreja**. São Paulo: Editora PES. Nicodemus comenta: “Calvino, bem como os outros reformadores, deu atenção aos problemas sociais de sua época. Talvez pelo fato de ser da segunda geração de reformadores, Calvino podia ter uma visão mais ampla e amadurecida sobre o assunto. Ele esforçou-se para entender qual deveria ser o papel da Igreja cristã na reconstrução de uma sociedade justa que refletisse a vontade de Deus em termos de justiça social. Essa questão (que era essencialmente teológica) era extremamente aguda para os reformadores, particularmente pelo fato de viverem numa época e numa situação de grandes problemas sociais. Não é de se admirar que em suas Institutas da Religião Cristã, bem

como em seus comentários (onde apropriado) Calvino freqüentemente trata de questões relacionadas com a responsabilidade social da Igreja e do Estado”. Nicodemus faz duas ressalvas importantes sobre o melhor entendimento do pensamento social de Calvino: não dissociar o pensamento social de Calvino da sua teologia, pois “seu pensamento social desenvolveu-se dentro da estrutura de seus pressupostos teológicos e bíblicos. Calvino construiu a sua teologia social a partir da sua convicção de que Cristo é Senhor de todos os aspectos da vida humana, e de que a Palavra de Deus deve regular todas as áreas da vida”, e também, não dissociar o pensamento social de Calvino da época em que ele viveu, pois “embora sua teologia social brotasse de princípios bíblicos válidos e atuais para todas as épocas, Calvino só poderia dar-lhes expressão dentro das circunstâncias históricas em que viveu e labutou”, por isso, “seria injusto requerer de Calvino uma abstração perfeita do seu contexto social, político e econômico (...). Mesmo assim, veremos que Calvino é extraordinariamente atual em quase tudo que formulou nesta área”.

<sup>27</sup> **Cartas de Princípios 2000-2019**. Editora Mackenzie. 2020. Por ocasião dos 150 anos do Mackenzie, a Chancelaria por decisão do Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, lançou a coletânea de todas as Cartas de Princípios no período 2000-2019 sob a responsabilidade dos Chanceleres Osvaldo Henrique Hack, Augustus Nicodemus Gomes Lopes e Davi Charles Gomes.

<sup>28</sup> LENNOX, John. **Por que a ciência não consegue enterrar Deus**. São Paulo: Mundo Cristão. p. 39). Lennox cita o testemunho de Melvin Calvin, prêmio Nobel de Bioquímica (CALVIN, Melvin. *Chemical Evolution: Molecular evolution towards the origin of living systems on the earth and elsewhere*. **South Yorkshire: Clarendon House Publications, 1961**): “Quando tento discernir a origem dessa convicção, tenho a impressão de detectá-la na noção básica descoberta 2 ou 3 mil anos atrás e enunciada pela primeira vez no mundo ocidental pelos antigos hebreus: ou seja, que o Universo é governado por um único Deus e não é o produto dos caprichos de muitos deuses, cada um governando seu próprio espaço segundo suas próprias leis. Essa visão monoteísta parece ser o fundamento histórico da ciência moderna” (p. 258).

<sup>29</sup> Borges (2008), além de afirmar que “a educação confessional calvinista é, portanto, uma forma de educação que deve privilegiar a pesquisa científica como um ato de fé e de reverência ao Criador”, lembra do comentário de Calvino sobre a epístola aos Hebreus no capítulo 11, verso 3, no qual afirma: “[...] temos no mundo visível uma imagem clara de que Deus nos tem dado, por meio de toa a estrutura deste mundo, claras evidências de sua eterna sabedoria, bondade e poder, e também, ainda que sendo Ele invisível, de certa forma, se nos torna visível por meio de sua obra”. (p. 55-57)

<sup>30</sup> Comênio fez parte da comunidade dos Irmãos Morávios, organizada em 1425, depois do martírio de João Huss, reitor da Universidade de Praga, um dos pré-reformadores mais importantes. Os Morávios eram nobres intelectuais convivendo com gente simples, com um traço em comum: o interesse pela cultura e pelo estudo das Sagradas Escrituras, além de um alto padrão moral, uma piedade devotada a Deus e à evangelização.

<sup>31</sup> Vários historiadores da educação atestam a importância de Comênios: GILES, Thomas Ranson. **História da educação**. São Paulo: EPU, 1987. MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989. LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1983. LOPES, Edson Pereira. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. Editora Mackenzie – 2005

<sup>32</sup> MOTA, Jorge César. **À procura das origens do Mackenzie**. *Cadernos de Pós-Graduação. Programa de Educação, Arte e História da Cultura*, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. II, n. 2, maio 1999.

<sup>33</sup> RAMALHO, Jether P. **Prática educativa e sociedade: um estudo da sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

<sup>34</sup> REID, W. Stanford. **Calvin and the founding of the Academy of Geneva**. *Westminster Theological Journal*, v. 18, n. 19, 1955-1957. A bem da verdade histórica, a ideia de uma “piedade sábia e eloquente” (*sapiens atque eloquens pletas*) já tinha sido proposta por Johannes Sturms, quando dirigia a Academia de Estrasburgo sob a

orientação pastoral de Martin Bucer, que lhe havia ensinado que “[...] a verdadeira piedade nunca pode florescer na ignorância [...]”, e que também haveria de influenciar, por sua vez, a atuação de Calvino na Academia de Genebra.

<sup>35</sup> COMÊNIO, João Amós. **Didática magna**. Tradução Joaquim Ferreira Gomes. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

<sup>36</sup> INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1996.

<sup>37</sup> GILES, Thomas Ranson. **História da Educação**. São Paulo, São Paulo: Ed. EPU, 1987, p. 125. p. 126).

<sup>38</sup> MILTON, John. **Milton on Education: the tractate of Education with Supplementary Extracts from Other Writings of Milton**. Editado por Morley Oliver Ainsworth. New Haven: Yale University Press, 1928. John Milton (1909-1914) entende como “[...] uma educação completa e generosa aquela que capacita o ser humano para agir de forma justa, competente e generosa em todos os ofícios, tanto os públicos como os privados, tanto na paz como na guerra”. Uma das influências mais importante sobre Milton foi a de Comênio, em sua rejeição da abordagem dialética e preferência pela observação empírica da realidade. Tanto Comênio como o espanhol Juan Luis Vive (1492-1540) entendiam que estudar a natureza era instrumental para a formação do caráter moral.

<sup>39</sup> As Universidade de Brown (Rhode Island), Columbia (New York), Cornell (New York), Dartmouth (New Hampshire), Harvard (Massachusetts), Pennsylvania (Pennsylvania), Yale (Connecticut) e Princeton (New Jersey) também são conhecidas como “as oito anciãs” (ancient eight) ou “as Heras”.

<sup>40</sup> RYKEN, Leland. **Santos no mundo**. São José dos Campos: Fiel, 1992.

<sup>41</sup> A Universidade Livre de Amsterdam, considerada uma das melhores do mundo, foi fundada em 1881 por Abraham Kuypers, a princípio somente para os cristãos reformados e financiada por doações voluntárias. Mais tarde, em 1960, foi aberta ao público em geral e ainda conserva algumas das tradições e valores reformados. A Universidade de Princeton foi fundada em 1746 como Colégio de Nova Jersey, pelo Governador congregacional Jonathan Belcher, a pedido de presbiterianos que queriam promover a educação juntamente com a religião reformada. Atualmente, é reconhecida como uma das mais prestigiadas universidades do mundo em graduação e pós-graduação em muitas áreas, incluindo matemática, física e astronomia, economia, história e filosofia. A Universidade de Harvard foi fundada em 1643 pelos reformados, apenas seis anos após a chegada deles a Massachusetts, cuja declaração da missão e do propósito da educação, diz: “Cada estudante deve ser simplesmente instruído e intensamente impelido a considerar corretamente que o propósito principal de sua vida e de seus estudos é conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna, (João 17.3); conseqüentemente, colocar a Cristo na base é o único alicerce do conhecimento sadio e do aprendizado”. A Universidade de Yale, fundada na década de 1640 por pastores reformados com o desejo de preservar a tradição da educação cristã da Europa, tem em seu alvará de funcionamento de 1701, as seguinte palavras: “[...] que [nessa escola] os jovens

sejam instruídos nas artes e nas ciências, e que por meio das bênçãos do Todo-Poderoso sejam capacitados para o serviço público, tanto na Igreja quanto no Estado”.

<sup>42</sup> Aproximadamente, cinquenta anos depois da descoberta do Brasil e trinta e oito anos do início da Reforma Protestante e apenas seis anos depois dos jesuítas chegarem à Bahia, Nicolau Durand de Villegaignon, de 45 anos, em três navios e cerca de seiscentos tripulantes e passageiros chegaram à Baía de Guanabara em 10 de novembro de 1555, vindos de Håvre-de-Grâce, França de onde saíram em 22 de julho de 1555. No dia 7 de março de 1557, um ano e três meses depois da primeira expedição, chegou a segunda leva de franceses: cerca de 300 colonos, e entre eles, vieram quatorze huguenotes de Genebra, enviados por João Calvino, a pedido do próprio Villegaignon, inclusive o doutor em teologia Pierre Richier, de 50 anos, o pastor Guillaume Chartier, o historiador Jean de Léry e dez artesãos. No dia 10 de março de 1557, foi celebrado o primeiro culto cristão reformado no hemisfério sul, com Richier pregando em francês sobre o verso 4 do Salmo 27: “Je demande à l’Eternel et une chose, que je désire ardemment: je voudrais habiter toute ma vie dans la maison de l’Eternel, pour contempler la magnificence de l’Eternel et pour admirer son temple” (Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo). A cerimônia aconteceu no Forte Coligny, na ilha de Serijipe, hoje Villegaignon. Dias depois (21/03/1557) foi organizada a primeira igreja cristã reformada do Brasil e da América do Sul e escrita uma das mais antigas confissões de fé cristã reformada, conhecida como *Confissão de Fé da Guanabara ou Confissão Fluminense*, assinada por Jean de Bourdel, Pierre Bourdon e Matthieu Verneuil. *A História dos Mártires* (1564), de Jean Crespín e *A Tragédia da Guanabara* (1917) contam detalhes destes episódios da história brasileira.

<sup>43</sup> Entre 1630 e 1654, a Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie*), uma iniciativa de calvinistas holandeses e flamengos ocupou com uma esquadra de 67 navios sob o comando de Hendrick Lonck, grande parte de sete das dezenove capitânicas hereditárias do Brasil na região nordeste, cujas principais cidades eram Mauritsstad (Recife — a capital), Frederikstad (João Pessoa) e Nieuw Amsterdam (Natal). O apogeu, sob o governo de Maurício de Nassau, trouxe prosperidade econômica, cultural e liberdade religiosa sem precedentes no Brasil até então. Segundo o sociólogo e historiador pernambucano Gilberto Freyre, no seu *Sobrados e Mucambos*, “com o domínio holandês e a presença, no Brasil, do Conde Maurício de Nassau [...] o Recife, simples povoado de pescadores, em volta de uma igrejainha, e com toda a sombra feudal e eclesiástica de Olinda para abafá-lo, se desenvolveu na melhor cidade da colônia e talvez do continente. Sobrados de quatro andares. Palácios de Reis. Pontes. Canais. Jardim Botânico. Jardim zoológico. Observatório. Igrejas da religião de Calvino. Sinagoga. Muito judeu. Estrangeiros das procedências as mais diversas. Prostitutas. Lojas. Armazéns. Todas as condições para uma urbanização intensamente vertical”. O artigo de Frans Schalkwijk ([https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/3\\_Indios\\_Evangelicos\\_no\\_Brasil\\_Holandese\\_Frans\\_Schalkwijk.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/3_Indios_Evangelicos_no_Brasil_Holandese_Frans_Schalkwijk.pdf)) e seu excelente livro *Igreja e estado no Brasil holandês (1630 a 1654)* retratam a importância da fé reformada nesta iniciativa, para além de outros interesses geo-políticos e econômicos batavos no Brasil, inclusive nos aspectos da educação e alfabetização e dos cuidados diaconais com a população brasileira. Uma obra muito interessante do ponto de vista dos

frutos da influência holandesa na plantação de igrejas no Brasil é de autoria de Jaqueline de Souza, com o título **A primeira Igreja Protestante do Brasil – Igreja Reformada Potiguar (1625-1692)**, da Editora Mackenzie, 2013.

<sup>44</sup> O Tratado do Comércio com a Inglaterra e o Tratado de Aliança e Amizade, assinados em 19 de fevereiro de 1810, garantiam aos estrangeiros o direito ao culto protestante (“Os súditos britânicos e todos os outros estrangeiros residentes nos domínios de Portugal, terão perfeita liberdade religiosa, lhes sendo permitido construir Igrejas e Capelas, com certas restrições quanto ao aspecto exterior...” – Artigo 12), sendo a primeira vez que “Portugal dava a uma potência estrangeira o direito de construir um templo Cristão com o culto da Reforma”. Uma excelente referência sobre este período é o artigo **O Protestantismo no Brasil: aspectos jurídicos, culturais e sociais de sua implantação – segunda parte** (2006), de Herminsten Maia Pereira da Costa (file:///Users/admin/Downloads/550-Texto%20do%20artigo-1118-1-10-20090520.pdf), no qual analisa as primeiras aberturas jurídicas que possibilitaram a entrada de grupos protestantes, evidenciando os elementos que contribuíram para a tolerância religiosa no Brasil, sancionada na Constituição de 1824.

<sup>45</sup> HACK, O. H. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003. Hack (2003, p. 15) cita Judith Jones, na obra **Soldado descansa: uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil** (Editora Jarde, 1992), por resgatar o fato de que “[...] o principal interesse dos recém chegados ao Brasil, depois de ter providenciado alimento e abrigo, foi trabalhar por ao estabelecimento do culto religioso e de escolas para seus filhos [...] à necessidade de instituições religiosas juntava-se o desejo de ter escolas apropriadas para seus filhos”.

<sup>46</sup> FLOS, Max Heinrich. **Unsere vater – nossos pais**. São Leopoldo: Rotermund, 1966, utiliza como exemplo as comunidades de imigrantes alemães, que “[...] consideravam essenciais para a sobrevivência três elementos básicos: igreja, escola e cemitério (...) A igreja serviria para congregar os fiéis e mantê-los unidos para conservar os princípios da fé da Reforma Luterana. A Escola serviria para proporcionar aos filhos dos imigrantes um ambiente mais propício, visto que a grande maioria ainda tinha dificuldades de expressar-se na língua portuguesa; o Cemitério porque havia restrições por parte da Igreja Católica Romana em receber os luteranos nos cemitérios particulares, localizados atrás dos templos católicos.” (p. 124)

<sup>47</sup> HACK, Osvaldo. **Reforma Protestante no Sul do Brasil, etnicidade e missionarismo**. Editora Mackenzie, 2017.

<sup>48</sup> SCHULZ, Almiro. **Projeto de universidade protestante no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999. Uma outra forma semelhante de tipologia do protestantismo, segundo a ótica de Max Weber, identificando o “[...] protestantismo de doutrina, mais preocupado com a expansão missionária, a plantação de igrejas pelo mundo e a própria catequese, no intuito de rebanhar adeptos [...]” ou também chamado de “[...] protestantismo de princípios, mais preocupado em firmar princípios, definir diretrizes e oferecer a linha doutrinária, como espinha dorsal da fé reformada”. (p. 62).

<sup>49</sup> HACK, Osvaldo Henrique. **A Missão do Mackenzie e sua Identidade Confessional**. São Paulo: Fides Reformata, 2001. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/4-A-missao-do-Mackenzie-e-sua-identidade-confessional-Osvaldo-Hack.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2019. “A missão do Mackenzie e sua identidade confessional foi definida desde seus primórdios em 1870, quando missionários presbiterianos, oriundos dos Estados Unidos da América do Norte, vieram propagar a fé reformada calvinista através da implantação de comunidades e escolas no Brasil. A Universidade Presbiteriana Mackenzie é uma das inúmeras escolas presbiterianas com a missão de ministrar a educação evangélica, fundamentada nos princípios da ética e moral cristã protestante” (p. 2).

<sup>50</sup> HACK, O. H. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003. A opinião de Hack é que “[...] a tolerância religiosa, protegida pelo espírito liberal do imperador D. Pedro II, contribuiu de maneira marcante para que as missões protestantes norte-americanas enviassem grande número de pastores e educadores para estabelecer igrejas e escolas, visando

preparar o Brasil para o estabelecimento de um regime republicano liberal. Os republicanos e liberais brasileiros, apoiados pelas forças maçônicas, encontraram nas escolas protestantes norte-americanas o ambiente propício à educação de seus filhos para um novo Brasil no limiar do século XX” (p.21), embora compara “[...] projetos missionários católicos tinham alvos definidos tanto na América Latina como no Brasil [...] conquista de espaço físico, cultural e religioso [...] para a visão expansionista e conquistadora de Portugal e Espanha”, com as iniciativas protestantes “[...] compartilhavam os ideais europeus de expansão político cultural, e que [...] além dos indícios de missão religiosa, havia interesse explícito nas áreas econômica e política” (p.20). Ele menciona duas obras para legitimar suas afirmativas: **Desafio americano à preponderância britânica no Brasil (1808-1850)**, de Antonia Fernanda Paca Wright (1978) e **O destino (não manifesto): os imigrantes norte-americanos no Brasil**, de Ana Maria Costa de Oliveira (1983).

<sup>51</sup> GARRIDO, Stella. **A educação confessional protestante no Brasil**. 2005. Monografia (Graduação em História). Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2005. p.19. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/50085988/A-eduacao-confessional-protestante-no-brasil>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

<sup>52</sup> “Além das primeiras letras, ensinavam-se a Bíblia e o Breve Catecismo, com as doutrinas em forma de perguntas e respostas de fácil compreensão e assimilação. Também as escolas deviam iniciar os trabalhos com cultos diários. Os cultos ofereciam cânticos bíblicos ou de cunho doutrinário e também orações, e uma explicação do texto bíblico escolhido para o dia.” (HACK, 2003, p. 21, 22).

<sup>53</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo. Edusp, 2008. p.98

<sup>54</sup> SIMONTON, Ashbel Green. **Relatório do pastor da Igreja do Rio de Janeiro para 1866-1867 apresentado e lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro na sessão do dia 12 de julho de 1867**. Relatório manuscrito, 1867. “Muitos pais de família são descuidados a este respeito, nem querem fazer os sacrifícios preciosos para educar os seus filhos. Estes de sua parte, não estando acostumados a obedecer a seus pais, não gostam do regime da escola bem dirigida. Os costumes do país e a falta de confiança não permitem que uma escola central seja frequentada por todos como sucede nos Estados Unidos. Faltam professores e professoras com a prática necessária para bem desempenharem esta missão e o governo ainda não admite a instrução e educação da nova geração. Sendo este meio indispensável, temos razão para esperar que Deus nos deparará os meios de atingi-los”.

<sup>55</sup> Algumas obras recomendadas a quem desejar conhecer mais sobre a história do Mackenzie são **Mackenzie College e o Ensino Superior, uma proposta de universidade e Raízes Cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**, ambas escritas por Osvaldo Hack e publicadas pela Editora Mackenzie, respectivamente em 2002 e 2003 e **O Mackenzie – 1870/1960**, de Benedicto Garcez, publicada também pela Editora Mackenzie, em 2004.

<sup>56</sup> SANTOS, Hercules Pimenta. **Católicos e Protestantes: escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros**, Belo Horizonte – MG (1900-1950). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Hercules Pimenta Santos entende que a presença das escolas confessionais, especificamente presbiterianas, tem sido esquecida na historiografia, possivelmente “[...] em função da educação brasileira ter contado com certa hegemonia da igreja católica desde os jesuítas no ramo confessional” (p. 39), a influência da educação de origem protestante é ressaltada por ele e outros estudiosos, para os quais as escolas confessionais se destacaram a ponto de influenciarem na reestruturação escolar brasileira pelas significativas mudanças pedagógicas que são observadas até hoje.

<sup>57</sup> “Graves problemas sociais afligiam Genebra naquela época (bem como a Europa em geral). Havia pobreza extrema, agravada por impostos pesados. Os trabalhadores eram oprimidos por baixos salários e jornadas extensas de trabalho. Campeava o analfabetismo, ae a ignorância; havia aguda falta de assistência social por parte do Estado; prevalecia a embriaguez e a prostituição. Destacava-se o vício do jogo de cartas, que levava o pouco dinheiro do povo. As trevas espirituais características da Idade Média refletiam-se nas condições morais e sociais das massas. Essa

era a situação que prevalecia em Genebra antes da chegada da Reforma espiritual, a qual deu lugar, em seguida, a reformas sociais, econômicas e políticas, mesmo antes de Calvino chegar à Genebra.” Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/04/o-ensino-de-calvino-sobre-a-responsabilidade-social-da-igreja/>> Acesso em 26 de jun/2020.

<sup>58</sup> Uma leitura muito recomendada sobre o contexto social de Genebra antes e durante a atuação de Calvino é a obra **Social Concern in Calvin’s Geneva**, de William C. Innes, Alisson Park, Pennsylvania. Pickwick Publishers, 1983. Innes certamente reconhece Calvino como uma influência extremamente importante pelo fundamento teológico-pastoral de sua reflexão aplicado à sua teologia pública, porém ressalta que “Uma quantidade impressionante de realizações cívicas e uma herança de preocupação social já existiam, mesmo que individualmente elas surgissem de origens diversas e variadas. Genebra possuía métodos e proclamações de longa data para proteger seus residentes e ajudar os menos afortunados. Estes foram descritos nas ‘Franchises’ (carta municipal) de 1387, que forneceram a base histórica e processual primária para projetos de bem-estar cívico antes e depois da Reforma” (tradução própria).

<sup>59</sup> SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <<http://www.ppgchs.coc.fiocruz.br/images/teses/souzacmc.pdf>>. Acesso em 22 de agosto de 2020. Segundo Christiane Maria Cruz de Souza (p. 132), “quando o surto de gripe irrompeu na Espanha, a notícia foi fartamente veiculada pela imprensa espanhola e mundial, e logo as autoridades admitiram a sua existência”, porque, diferentemente de países envolvidos no conflito e com restrição à imprensa, assim que o país ibérico deu o primeiro alarme, a impressão geral foi que a epidemia era “espanhola”. Segundo Crosby (1989), a depender do lugar, a doença recebeu nomes diferentes: entre os americanos, “febre dos três dias” ou “morte púrpura”; os franceses chamavam de “bronquite purulenta”; os italianos, de “febre das moscas de areia” e os alemães, “febre de Flandres ou Blitzkatarrh”, na Espanha, foi apelidada de “La dançarina” e em Portugal ficou conhecida por “a pneumônica” e no resto do mundo, inclusive no Brasil, de “gripe ou influenza espanhola” cf. CROSBY, Alfred. W. **America’s Forgotten Pandemic. The Influenza of 1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 25-27.

<sup>60</sup> PHILLIPS, Howard et KILLINGRAY, David (eds). **The Spanish Influenza Pandemic of 1918-19**. New perspectives. London/New York: Routledge, 2003.

<sup>61</sup> SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <<http://www.ppgchs.coc.fiocruz.br/images/teses/souzacmc.pdf>>. Acesso em 22 de agosto de 2020.

<sup>62</sup> ROSENBERG, Charles E. **Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

<sup>63</sup> ROSENBERG, Charles. **Introduction: Framing disease: Illness, society and history**. In: Rosenberg, Charles; Golden, Janet (ed.). **Framing Disease – Studies in Cultural History**. New Brunswick, Rutgers University Press, 1997. A proposta de Rosenberg é que doenças precisam ser analisadas dentro da estrutura social em que estão inseridas como “um processo biossocial de negociação e consenso e, em

NOTAS:

sua percepção e definição, interferem variáveis como as teorias médico-científicas, valores culturais e interesses dos atores sociais”, o chamado *framing* (p. 22). No mesmo sentido, para Christiane Maria Cruz de Souza, esta concepção da doença em um contexto mais amplo do que o fenômeno biológico, traz “influências mais amplas, tais como os valores sociais e as concepções culturais, além de políticas e responsabilidades estatais. Assim, o esforço de cognição do processo saúde-doença sofre influência do contexto em que a enfermidade emerge, mas pode provocar também respostas políticas, científicas, tecnológicas, econômicas e socioculturais que interferem em tal contexto” (op. Cit. p. 24)

<sup>64</sup> A origem mais provável daquela epidemia relaciona-se com a Primeira Guerra Mundial e a movimentação e interação das tropas envolvidas no conflito. Houve três ondas – a primeira, começou em março de 1918, com taxa de mortalidade bastante baixa; a segunda, altamente virulenta, começou em agosto do mesmo ano e atingiu as Américas, Europa, Ásia e África, e finalmente, a terceira onde, menos virulenta, em janeiro de 1919 (Philips & Killingray, op. Cit. p. 3). Algumas hipóteses propõem surgimento simultâneo na América do Norte, Rússia e China, porém, os primeiros registros da doença acontecem em território americano, quando mais de mil operários da Ford Motor Company, em Detroit, e muitos soldados da base militar Camp Funston/Fort Riley, no Kansas, foram hospitalizados com sintomas semelhantes aos da gripe, ainda que, na maioria dos afetados pela doença, a cura vinha com três ou quatro dias depois dos primeiros sinais. A falta de sintomas mais severos não impediu que muitos soldados americanos embarcassem para o front da batalha na Europa sem conhecimento de que eram vetores do vírus de uma doença gravíssima. Em solo francês, o mal se alastrou, atingindo tanto aliados quanto alemães e as populações civis.

<sup>65</sup> BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Bertucci, ao estudar a gripe espanhola em São Paulo, discute o que denominou “medicina enferma”, contrastando a medicina academia e outras práticas de cura. Para a autora, a “medicina científica” tentou distinguir-se e afastar-se de outros saberes, legítimos ou não, a fim de reafirmar a autoridade da ciência médica em questão sanitárias e epidemiológicas.

<sup>66</sup> Na sua tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, que deu origem ao livro cujo título é o mesmo, Christiane Maria Cruz de Souza teve como objetivo “analisar diferentes aspectos de uma sociedade complexa e desigual, revelados sob o impacto da doença: a tessitura das relações sociais e da configuração do poder; o uso político da epidemia e os conflitos gerados pelas facções que disputavam o governo do estado; o conhecimento e a tecnologia médica; o lugar ocupado pelos profissionais da medicina naquela sociedade; bem como a relação entre as condições materiais de sobrevivência da população; o quadro sanitário do estado; as fragilidades e exigências do sistema econômico; e a formação de uma rede de assistência à saúde”

<sup>67</sup> As primeiras notícias de brasileiros infectados ocorrem na primeira quinzena de setembro de 1918, quando soldados integrantes das missões médico-militares Frontin e Nabuco Gouveia, ao chegarem em Freetown, Serra Leoa, e em Dakar, no Senegal, foram vitimados pela gripe (Diário de Notícias, 23.09.1918, p. 1). Em pouco tempo, a gripe chegava ao território brasileiro, vindo a bordo do vapor Demerara, vindo de Liverpool, que havia aportado em Recife, Salvador e Rio de Janeiro na primeira quinzena de setembro, com passageiros infectados e cinco óbitos atribuídos à doença (O Imparcial, 24.09.1918, p. 1). Destas cidades para São Paulo foi só uma questão de tempo.

<sup>68</sup> Bertolli Filho, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003. Baseado na escola da epidemiologia social e na história social da saúde, o foco do autor no processo saúde/enfermidade é determinado por variáveis socioeconômicas, sanitárias e culturais, que apontam para uma grande diferença de status das camadas e agrupamentos sociais distritais na São Paulo de então, na qual a distribuição dos óbitos provocadas por doenças infecto-contagiosas estava diretamente relacionada à condição socioeconômica de cada grupo social e à infra-estrutura própria de cada área ocupada pelos diferentes estratos sociais do município.

<sup>69</sup> PORRAS GALLO, Maria Isabel. **Um reto para la sociedad madrilená: la epidemia de gripe de 1918-19**. Madrid: Editorial Complutense, 1997. A autora analisa como quatro grupos populacionais reagiram à epidemia: os políticos, os médicos, os farmacêuticos e a população em geral, com destaque para a imprensa como veículo de informação e formação de opinião desses grupos, a partir do modelo de Rosenberg, segundo o qual as epidemias seguem determinados padrões, conforme evidenciados nas histórias das pestes: começa como evento quase imperceptível pela sociedade, e continuamente, trilha o incidente, a percepção, a interpretação e a resposta (p. 17).

<sup>70</sup> Para Rosenbeg, a diversidade de reações à epidemia revela algumas dessas respostas podem “se constituem em ato concreto de autodefesa e solidariedade” (op. Cit. p. 285), que podem ser comparados a mecanismos de defesa contendo, segundo Christiane de Souza: “elementos cognitivos e emocionais, e podem ser informados tanto por concepções científicas quanto religiosas, resultando em ritos individuais ou coletivos que abrangem desde medidas sanitárias como as quarentenas, o isolamento dos casos suspeitos, o expurgo da casa e dos objetos do enfermo, etc., até rituais religiosos como reuniões de oração, jejuns, benzeduras, procissões, dentre outros” (op. Cit. p. 218)

<sup>71</sup> Christiane Maria Cruz de Souza. **As dimensões político-sociais de uma epidemia: a paulicéia desvaída pela gripe espanhola**. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/22.pdf>>. Acesso em 22 de julho de 2020.

<sup>72</sup> Atualmente, os valores e princípios do Mackenzie são expressos nos seguintes termos:

- **Na conduta pessoal:** dignidade, caráter, integridade e espírito mackenzista;
- **No exercício da atividade profissional:** ética, competência, criatividade, disciplina, dedicação e disposição para o trabalho voluntário;
- **No relacionamento interpessoal:** lealdade, respeito mútuo, compreensão, honestidade e humildade;
- **No processo de decisão:** busca de consenso, de justiça, de verdade, de igualdade de oportunidades para todos;
- **No relacionamento entre órgãos colegiados, unidades e departamentos:** cooperação, espírito de equipe, profissionalismo

e comunicação adequada;

- **No relacionamento com outras instituições:** responsabilidade, independência e transparência;
- **Na sociedade:** participação e prestação de serviços à comunidade;
- **E, em todas as circunstâncias,** agir com amor que é o vínculo da perfeição, para a maior glória de Jesus Cristo.

<sup>73</sup> Mais detalhes nas obras: RIBEIRO, Boanerges. **Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O sementeiro, 1991; RIBEIRO, Boanerges. **A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma**. São Paulo: O sementeiro, 1987; RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira:** aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981; LESSA, Vicente Themudo. **Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]:** subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

<sup>74</sup> Cursos de Técnico em Enfermagem, Radiologia, Instrumentação Cirúrgica, Sala de Vacinas e Atualização e Administração de Medicamentos, além de Cursos de Graduação e Pós Graduação (mestrado e doutorado) em Ciências Biológicas, Psicologia, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia, Medicina, Distúrbios do Desenvolvimento etc.

<sup>75</sup> STOTT, John R.W. **Contracultura Cristã: a mensagem do sermão do monte**. São Paulo, SP. AbU Editora. 1981. p. 30

<sup>76</sup> Na passagem do século XIX para o século XX, originou-se o movimento que viria ser chamado de neocalvinismo com nomes destacados como Abraham Kuyper (1837-1920), Herman Dooyeweerd (1894-1977), Hermann Bavinck (1854-1921), D.H. Vollenhoven (1892-1978) e Groen van Prinsterer (1801-1876). Em síntese, o neocalvinismo enfatiza uma confessionalidade propositiva, contribuinte e aplicada, de acordo com a melhor tradição reformada da Europa Continental, baseada na soberania de Deus sobre a natureza e a cultura de modo articulado e não estanque, articulando a confissão e a cosmovisão cristãs para as diferentes áreas da vida, tais como a filosofia e a teologia, a política e a ação social, além de campos diversos como artes e ciência, educação, tecnologia e comunicação.

<sup>77</sup> STOTT, John R.W. **Contracultura Cristã: a mensagem do sermão do monte**. São Paulo, SP. AbU Editora. 1981. p. 30. Sobre o sermão do Monte em geral: “O que salta à vista é que, não importando como ele foi composto, forma um todo maravilhosamente coerente. Descreve o comportamento que Jesus esperava de cada um dos seus discípulos, que são também cidadãos do reino de Deus. Vemos como Jesus é em si mesmo, em seu coração, em suas motivações, em seus pensamentos, e também quando afastado, sozinho com o seu Pai. Venho na arena da vida pública, relacionando-se com o próximo, exercendo misericórdia, patrocinando a paz, sendo perseguido, agindo como sal, deixando a sua luz brilhar, amando e servindo nos outros (até mesmo nos seus inimigos), e dedicando-se acima de tudo à expansão do reino de Deus e da sua justiça no mundo”.

<sup>78</sup> STOTT, John R.W. **Contracultura Cristã: a mensagem do sermão do monte**. São Paulo, SP. AbU Editora. 1981. p. 31

<sup>79</sup> STOTT (op.cit. 1981. p. 30)

<sup>80</sup> JAMIESON, R., FAUSSET, A. R., & BROWN, D. (1997). **Comentário crítico e explicativo de toda a Bíblia** (Vol. 2, p. 20). Oak Harbor, WA: Sistemas de pesquisa de logotipos, Inc.

<sup>81</sup> STOTT (op.cit. 1981. p. 32). John Stott elabora com mais vagar as implicações e desafios da vocação e da responsabilidade cristã: “Esta vocação para assumir a nossa responsabilidade cristã, por causa do que Deus fez de nós e por causa de onde ele nos colocou, é particularmente relevante aos jovens que se sentem frustrados no mundo moderno. Os problemas da comunidade humana são tão grandes e eles se sentem tão pequenos, tão frágeis, tão ineficientes! (...) apesar de tudo, não somos indefesos e impotentes! Temos Jesus Cristo, o seu evangelho, seus ideais e o seu poder. E Jesus Cristo é todo o sal e toda a luz de que este mundo tenebroso e arruinado precisa. Mas precisamos ter o sal em nós mesmos, e devemos deixar que a nossa luz brilhe”, e mais adiante, “Os cristãos foram colocados por Deus numa sociedade secular para retardar este processo. Deus pretende que penetremos no mundo. O sal cristão

não tem nada de ficar aconchegado em elegantes e pequenas dispensas eclesiais; nosso papel é o de sermos “esfregados” na comunidade secular, como o sal é esfregado na carne, para impedir que apodreça. E quando a sociedade apodreça, nós, os cristãos, temos a tendência de levantar as mãos para o céu, piedosamente horrorizados, reprovando o mundo não-cristão; mas não deveríamos, antes, reprová-los a nós mesmos? Ninguém pode acusar a carne fresca de deteriorar-se. Ela não pode fazer nada. O ponto importante é: onde está o sal?”

<sup>82</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo, RS. Ed. Sinodal, 1980. p. 106.

<sup>83</sup> STOTT (op.cit. 1981. p. 31)

<sup>84</sup> Abraham Kuyper começou seu ministério em 1864 no interior da Holanda, quando tinha 27 anos. Pouco tempo depois em 1872, já na capital – Amsterdam – se tornou Editor Chefe do *De Standaard* (O Estandarte), um jornal diário e órgão oficial do partido Anti-Revolucionário, que na política representava os protestantes da nação holandesa. Pouco depois ele assumiu a função de editor do *De Heraut* (O Arauto), um jornal semanal distintivamente cristão, publicado às sextas-feiras, onde ficou por mais de quarenta e cinco anos. Em 1874, foi eleito membro da Casa Baixa do Parlamento, função que exerceu até 1877. Em 1880, fundou a Universidade Livre de Amsterdam, a qual tomava a Bíblia como a base incondicional sobre a qual deveria ser erguida toda a estrutura do conhecimento humano em cada departamento da vida. Três aspectos interessantes da vida de Kuyper: ele já se envolvia na política da Holanda mesmo antes de ser eleito membro do parlamento em 1877. Como pastor e jornalista, a sua atuação era política, porque era o envolvimento dele na *polis* – a esfera social, que tinha tudo a ver com a consciência do mandato social da criação. Kuyper entendia que política se faz por meio de um processo de formação de consciência política. Por isso, escolheu a profissão de jornalista e foi educador e finalmente, Kuyper assumia posições políticas claras, alinhadas à cosmovisão cristã reformada, inclusive em termos de alinhamento ideológico partidário. Em seu retorno à Holanda, após proferir as famosas *Stone Lectures* em Princeton (1898), reassumiu seu trabalho como líder do partido Anti-Revolucionário, até que, em 1901, foi convocado pela Rainha Wilhelmina para formar um Ministério. Serviu como primeiro-ministro até 1905.